

## POR UMA SOCIOLOGIA PÚBLICA\*

Michael Burawoy<sup>1</sup>

Esta é a forma como se representa o anjo da história. Sua face está virada para o passado. Onde nós percebemos uma cadeia de eventos, ele vê uma catástrofe única que se mantém empilhando destroços e os lança violentamente em frente aos seus pés. O anjo gostaria de ficar, acordar os mortos, e tornar inteiro o que foi esmagado. Mas um temporal está vindo do paraíso; ele foi capturado em suas asas com tal violência que não pode mais fechá-las. Este temporal o empurra irresistivelmente para o futuro para o qual ele volta as costas, enquanto que a pilha de entulhos à sua frente cresce em direção ao céu. Esse temporal é o que chamamos de progresso.

(Walter Benjamin, 1940)

Walter Benjamin escreveu sua famosa nona tese sobre a filosofia da história quando o exército nazista se aproximava de sua amada Paris, santuário sagrado da promessa civilizatória. Ele retrata essa promessa na trágica figura do anjo da história, batalhando em vão contra a longa marcha da civilização através da destruição. Para Benjamin, em 1940, o futuro nunca tinha parecido mais desolador com o capitalismo-transformado-em-fascismo num pacto com o socialismo-transformado-em-estalinismo para *ocupar*<sup>2</sup> o mundo. Hoje, no alvorecer do século XXI, embora o comunismo tenha se dissolvido e o fascismo seja uma

---

\* Palestra de abertura da Associação Americana de Sociologia - 2004. Artigo publicado originalmente na *American Sociological Review* Vol.70, no.1, February 2005, pp.4-28. Publicado também na *British Journal of Sociology* vol 56, no. 2, 2005, pp. 259-294. Tradução do original, Rui Gomes de Mattos de Mesquita.

<sup>1</sup> Muitas pessoas têm contribuído para este projeto. O autor gostaria de agradecer. Sally Hillsman, Bobbie Spalter-Roth and Carla Howery da Associação Americana de Sociologia, que contribuíram de várias maneiras, fornecendo dados e organizando palestras. Para os seus comentários, agradecimentos a Barbara Risman, Don Tomaskovic-Devey, e os seus alunos, como também às Chas Camic and Jerry Jacobs. A versão viva desta palestra pode ser obtida em DVD da Associação Americana de Sociologia.

<sup>2</sup> O termo “ocupar” foi aqui escolhido especificamente para traduzir “overrun” com o intuito de passar a idéia de uma ocupação em termos militares, em contraste com uma possível presença político-hegemônica (NT).

triste memória, os entulhos continuam a crescer em direção ao céu. Incontrolável, o capitalismo fomenta tiranias de mercado e iniquidades indizíveis em escala global, enquanto a democracia ressurgente freqüentemente torna-se um instrumento sutil para interesses poderosos, manipulações do direito de voto, dissimulação, e mesmo violência. Uma vez mais o anjo da história é varrido por um temporal, um temporal terrorista que sopra do paraíso.

Em seu início, a sociologia aspirava a ser como um anjo da história, procurando pôr ordem nos fragmentos da modernidade, procurando salvar a promessa do progresso. Assim, Karl Marx resgatou o socialismo da alienação; Emile Durkheim redimiu a solidariedade orgânica da anomia e do egoísmo. Max Weber, apesar das premonições de “escuridão gelada de uma noite polar”, pôde descobrir a liberdade na racionalização e extrair significado do desencantamento. Deste lado do Atlântico, W. E. B. Du Bois foi um pioneiro do pan-Africanismo em reação ao racismo e ao imperialismo, enquanto Jane Addams tentou retirar paz e internacionalismo das garras da guerra. Mas então a tempestade do progresso foi acolhida nas asas da sociologia. Se nossos predecessores tomaram para si a tarefa de mudar o mundo, nós acabamos freqüentemente conservando-o. Lutando por um lugar ao sol na academia, a sociologia desenvolveu seu próprio conhecimento especializado, seja na forma da brilhante e lúcida erudição de Robert Merton (1949), o misterioso e grande projeto de Talcott Parsons (1937, 1951), ou o primeiro tratamento estatístico de mobilidade e estratificação, culminando no trabalho de Peter Blau e Otis Dudley Duncan (1967). Revisando a década de 1950, Seymour Martin Lipset e Neil Smelser (1961: 1-8) puderam triunfalmente declarar que a pré-história moral da sociologia havia enfim acabado e o caminho para a ciência estava integralmente aberto. Não foi a primeira vez que as visões comteanas tinham seduzido a elite profissional da sociologia. Como antes, esta explosão de “pura ciência” teve vida curta. Alguns anos depois, os campi – especialmente aqueles onde a sociologia era forte – foram inflamados por protestos políticos pela liberdade de expressão, direitos civis, e paz, denunciando a sociologia do consenso e sua adesão acrítica à ciência. O anjo da história havia uma vez mais se regozijado no temporal.

O progresso dialético governa nossas carreiras individuais assim como nossa disciplina coletiva. A paixão original pela justiça social, igualdade econômica, direitos humanos, meio ambiente sustentável, liberdade política, ou simplesmente um mundo melhor, que atraiu tantos de nós à sociologia, está limitada pela busca de credenciais acadêmicas. O progresso tornou-se a bateria das técnicas disciplinatórias – cursos padronizados, listas de leituras oficiais, hierarquias burocráticas, exames intensivos, resenhas da literatura, dissertações sobre encomenda, julgamento de publicações, o todo poderoso CV, a procura por trabalho, a permissão de acesso a arquivos, e o policiamento aos colegas e sucessores para certificar que todos marchamos em bloco. Ainda, apesar das

pressões normatizadoras das carreiras, o ímpeto moral originário é raramente banido, o espírito sociológico não pode ser facilmente extinto.

As constrictões, no entanto, à disciplina – tanto no sentido individual como coletivo da palavra – gerou seus frutos. Nós passamos um século construindo o conhecimento profissional, traduzindo o senso comum para a ciência, para que agora, nós estejamos mais do que preparados para embarcar numa sistemática retro-tradução, levando o conhecimento de volta àqueles que foram a sua fonte, construindo questões públicas a partir de problemas privados, e assim regenerando a fibra moral da sociologia. Nisso consiste a promessa e o desafio da sociologia pública, o complemento e não a negação da sociologia profissional.

É para entender a produção da sociologia pública, suas possibilidades e seus perigos, suas potencialidades e suas contradições, seus sucessos e seus insucessos, que eu tenho, nos últimos 18 meses, discutido e debatido a sociologia pública em mais de 40 ocasiões; de colégios comunitários a associações estatais e a departamentos de elite em todo os Estados Unidos – assim como na Inglaterra, Canadá, Noruega, Tailândia, Líbano e África do Sul. A demanda pela sociologia pública tem ecoado nas audiências onde quer que eu tenha ido. Os debates resultaram em séries de simpósios sobre sociologia pública, inclusive aqueles sobre *Problemas Sociais* (fevereiro, 2004), *Forças Sociais* (junho, 2004), e *Sociologia Crítica* (verão, 2005). O *Footnotes*, boletim da *American Sociological Association* (ASA), desenvolveu uma seção especial sobre sociologia pública, cujos resultados estão reunidos em *Um Convite à Sociologia Pública* (*American Sociological Association*, 2004). Os departamentos têm organizado prêmios e *blogs* sobre sociologia pública, a ASA abriu seu próprio *site* para a sociologia pública. Os sociólogos têm aparecido com maior regularidade nas páginas de opinião dos nossos jornais nacionais. O encontro anual de 2004 da ASA foi dedicado ao tema das sociologias públicas e quebrou todos os recordes de comparecimento e participação dentro de uma margem considerável de diferença. Esses tempos sombrios acordaram o anjo da história de seu sono.

Eu apresento 11 teses. Elas começam pelas razões para o apelo por sociologias públicas hoje, voltando-se para a sua multiplicidade e sua relação com a disciplina como um todo – a disciplina entendida como divisão de trabalho e como campo de poder. Eu examino as matrizes das sociologias profissional, política, pública e crítica na sua variação histórica e entre países, comparando a sociologia com outras disciplinas, antes de finalmente voltar-me para o que faz a sociologia tão especial, não apenas como ciência mas também como uma força moral e política.

### Tese I: O movimento tesoura

*A aspiração por uma sociologia pública é mais forte e sua realização sempre mais difícil, à medida que a sociologia move-se à esquerda e o mundo move-se à direita.*

A que nós devemos atribuir o presente apelo à sociologia pública? Certamente, isso lembra muito a razão do porquê de se tornar sociólogo, mas se a sociologia pública existe já há algum tempo, então porque deveria repentinamente decolar? Durante os últimos 50 anos o centro de gravidade político da sociologia tem tomado uma direção crítica enquanto que o mundo que ela estuda tem ido por uma direção oposta. Assim, em 1968, membros da ASA receberam a solicitação de votarem uma moção contra a Guerra do Vietnã. Dos que votaram, dois terços *se opuseram* a que a ASA tomasse aquela posição, enquanto que, quando perguntados separadamente, 54% expressaram sua oposição individual à guerra (Rhoades, 1981: 60) – aproximadamente a mesma proporção da população em geral naquele tempo. Em 2003, 35 anos mais tarde, uma moção similar contra a guerra do Iraque foi apresentada aos membros da ASA e dois terços *apoiaram* a resolução (Footnotes, julho-agosto, 2003). Ainda mais significativa, na pesquisa de opinião correspondente, 75% daqueles que votaram disseram que eram contra a guerra, no momento (final de maio, 2003) em que 75% da população em geral apoiavam a guerra<sup>3</sup>.

Dada a guinada à esquerda da década de 1960, este é um achado surpreendente. Apesar da turbulência do Encontro Anual em Boston, que incluiu o famoso e destemido ataque de Martin Nicolaus contra a “sociologia dos privilegiados”; das sinceras e firmes demandas da Convenção dos Sociólogos Negros, a Convenção Radical; e da Convenção das Mulheres Sociólogas, as vozes opositoras ainda eram minoritárias. A maioria dos membros tinha se educado e acreditava no conservadorismo liberal da sociologia pós-guerra. Com o passar do tempo, entretanto, o radicalismo dos anos 1960 se difundiu na profissão, ainda que de forma difusa. A crescente presença e participação das mulheres e minorias raciais, o ascenso da geração da década de 1960 a posições de liderança nos departamentos e em nossa associação, marcou uma guinada crítica que ecoou no conteúdo da sociologia<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Dados sobre o apoio público à Guerra do Vietnã foram retirados de Mueller (1973: tabela 3.3), enquanto que os dados sobre o apoio público à Guerra do Iraque encontraram-se em pesquisa da Gallup.

<sup>4</sup> Em 1968, os 19 membros eleitos para o Conselho da ASA eram brancos e homens, exceto por uma mulher, Mirra Komarovsky. Em 2004, o Conselho de 20 membros era composto exatamente de 50% de mulheres e 50% de minoria. Quanto a profissão como um todo, entre 1966 e 1969, 18,6% dos PhDs em sociologia eram alcançados por mulheres, enquanto que este número sobe para 58,4% em 2001. Os números para uma mudança racial começa mais tarde. Em 1980, 14,4% dos PhDs em sociologia eram alcançados por minorias, enquanto que em 2001 este número sobe para 25,6%.

Dessa forma, a sociologia política deixou de focar as virtudes da democracia eleitoral americana e passou a estudar o Estado e sua relação com as classes, os movimentos sociais como processos político e o aprofundamento da participação democrática. A sociologia do trabalho trasladou dos processos de adaptação para estudar a dominação e os movimentos trabalhistas. A estratificação mudou o foco do estudo da mobilidade social dentro de uma hierarquia de prestígio ocupacional para examinar as mudanças de estruturas da desigualdade econômica e social – classe, raça e gênero. A sociologia do desenvolvimento abandonou a teoria da modernização pela teoria do subdesenvolvimento, análise dos sistemas mundiais, e o crescimento orquestrado do Estado. A teoria das raças passou das teorias de assimilação da economia política para o estudo das formações raciais. A teoria social introduziu interpretações mais radicais de Weber e Durkheim, e incorporou Marx no cânone. Se o feminismo não era aceito no cânone, ele certamente teve um impacto dramático nos campos mais substantivos da sociologia. A globalização está interditando a unidade de análise básica da sociologia – o Estado Nação – enquanto força a deslocalização de nossa disciplina. Naturalmente tem havido os contra-movimentos – por exemplo, a ascendência dos estudos de assimilação em imigração ou os neoinstitucionalistas que documentam em detalhe por todo o mundo uma difusão das instituições americanas – mas nos últimos 50 anos o movimento tem sido esmagadoramente na direção crítica.

Se a sucessão das gerações políticas e a mudança de conteúdo da sociologia são uma perna da tesoura, a outra perna, que se move na direção oposta, é o mundo que nós estudamos. Ainda que a retórica da liberdade e da igualdade se intensifique, os sociólogos têm documentado um aprofundamento contínuo da desigualdade e dominação. Nos últimos 25 anos os primeiros ganhos em seguridade econômica e direitos civis têm sido revertidos pela expansão do mercado (com as suas conseqüentes desigualdades) e pelos Estados coercitivos, violando direitos em seus próprios países e no exterior. Muito freqüentemente, mercado e Estado têm trabalhado em conjunto contra a humanidade no que tem sido comumente chamado de neoliberalismo. Certamente os sociólogos têm-se tornado mais sensíveis, mais focados no negativo, mas a evidência que eles têm acumulado sugere fortemente uma regressão em muitas arenas. E, obviamente, enquanto eu escrevo, nós somos governados por um regime que é profundamente anti-sociológico em seu *ethos*, hostil à própria idéia de “sociedade”.

No nosso próprio quintal, a universidade tem sofrido progressivos ataques da *National Association of Scholars* por abrigar liberais demais. Ao mesmo tempo, enfrentado o declínio de verbas, e sobre competição acirrada, as universidades públicas têm respondido com soluções de mercado – *joint ventures* com corporações privadas, campanhas propagandísticas para atrair estudantes, agradados a doadores privados, mercantilização da educação através da educação à distância,

emprego de mão de obra temporária barata, para não mencionar os exércitos de trabalhadores de serviço mal pagos (Kirp, 2003; Bok, 2003). Será que a solução de mercado é a única? Devemos abandonar a idéia da universidade como bem “público”? O interesse pela sociologia pública é, em parte, uma reação e uma resposta a privatização de tudo. Sua vitalidade depende da ressuscitação da essência da idéia de “público”, uma outra casualidade da tempestade do progresso. Por isso o paradoxo: a crescente distância entre o *ethos* sociológico e o mundo que nós estudamos inspira a demanda e, simultaneamente, cria obstáculos à sociologia pública. Como devemos proceder?

## Tese II: A multiplicidade das sociologias públicas

*Existem múltiplas sociologias públicas, refletindo diferentes tipos de público e várias formas de os acessar. Sociologias públicas tradicionais e orgânicas são bipolares, mas são tipos complementares. Públicos podem ser destruídos, mas eles também podem ser criados. Alguns nunca desaparecem – nossos estudantes são nosso primeiro e cativo público.*

O que queremos dizer com sociologia pública? Sociologia Pública traz a sociologia para uma conversa com públicos; entendidos como pessoas que estão, elas próprias, envolvidas na conversa. Isto envolve, por isso, uma dupla conversa. Candidatos óbvios são W. E. B. Du Bois (1903), *O Espírito do Povo Negro* (The Souls of Black Folk); Gunnar Myrdal (1994), *Um Dilema Americano* (An American Dilemma); David Riesman (1950), *A multidão Solitária* (The Lonely Crowd); e Robert Bellah et al. (1985), *Hábitos do Coração* (Habits of the Heart). O que todos esses livros têm em comum? Eles são escritos por sociólogos, eles são lidos fora da academia, e eles se tornaram veículos de discussão pública sobre a natureza da sociedade norte-americana – a natureza dos seus valores, a distância entre sua promessa e sua realidade, suas insatisfações, suas tendências. No mesmo gênero do que eu chamo de *sociologia pública tradicional*, nós podemos localizar sociólogos que escrevem nas páginas de opinião dos nossos jornais nacionais onde eles comentam questões de importância pública. Alternativamente, jornalistas podem conduzir pesquisas acadêmicas para o domínio público, como eles fizeram, por exemplo, com o artigo de Chris Uggen e Jeff Manza (2002) no *American Sociological Review* sobre a significação política da privação de direitos civis e com a dissertação de Devah Pager (2002) sobre a forma como a raça relaciona-se com os efeitos dos arquivos criminais sobre perspectivas de emprego da juventude. Na sociologia pública tradicional os públicos a quem se dirigem são geralmente invisíveis, pois eles não podem ser vistos; pequenos, pois não geram muita interação interna; passivos, pois não constituem um movimento ou organização; e são usualmente típicos – convencionais. A sociologia pública

tradicional instiga debates nos e entre públicos, embora ela não participe realmente desses debates.

Há, entretanto, um outro tipo de sociologia pública – a *sociologia pública orgânica*, na qual o sociólogo trabalha em estreita conexão com um público visível, numeroso, ativo, local e freqüentemente um contra-público. A maior parte da sociologia pública é, na verdade, do tipo orgânico – os sociólogos trabalham com movimentos trabalhistas, associação de moradores, comunidades de fé, grupos pelos direitos de imigrantes, organizações de direitos humanos. Entre o sociólogo público orgânico e um público está um diálogo, um processo de mútua educação. O reconhecimento da sociologia pública deve se estender ao tipo orgânico, que freqüentemente permanece invisível, privado, e é muitas vezes considerado estar à parte de nossas vidas profissionais. O projeto dessas sociologias públicas é tornar visível o que é invisível e validar essas conexões orgânicas como parte de nossas vidas sociológicas.

As sociologias públicas tradicional e orgânica não são antitéticas, mas complementares. Uma informa a outra. Os mais amplos debates na sociedade, por exemplo, sobre os valores familiares, podem informar e serem informados pelo nosso trabalho com os clientes do *bem estar social*. Debates sobre o NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio) podem moldar à colaboração do sociólogo com um sindicato local; para trabalhar com prisioneiros para defender seus direitos, pode-se recorrer aos debates públicos sobre o complexo carcerário. Os estudantes de graduação de Berkeley, Gretchen Purser, Amy Schalet, e Ofer Sharone (2004), estudaram a situação dos prestadores de serviço mal pagos do campus, resgatando-os das sombras, e os constituindo como um público para o qual a universidade deveria ser responsável. O relatório gerou debates mais amplos sobre trabalhadores pobres, trabalhadores imigrantes e a privatização, e corporatização da universidade, ao tempo que fomentava a discussão pública sobre a academia como uma comunidade de princípios. Na melhor das circunstâncias a sociologia pública tradicional molda a sociologia pública orgânica, enquanto esta última disciplina, fundamenta e dirige a primeira.

Nós podemos distinguir entre diversos tipos de sociólogos públicos e falar de diferentes públicos, mas como são os dois lados – o acadêmico e o extra-acadêmico – trazidos para o diálogo? Porque alguém deveria nos escutar e não as outras mensagens advindas da mídia? Nós somos muito críticos para reter a atenção do nosso público? Alan Wolfe (1989), Robert Putnam (2001), e Theda Skocpol (2003), vão mais além e nos alertam que os públicos estão desaparecendo – destruídos pelo mercado, colonizados pela mídia ou paralisados pela burocracia. A própria existência de uma vasta área de sociologia pública, no entanto, sugere que não há falta de públicos se nós nos preocuparmos em procurá-los minimamente. Porém nós realmente temos muito que aprender acerca de como engajá-los. Nós ainda estamos em um estágio primitivo de nosso projeto.

Nós não devemos pensar em públicos como fixos, mas em fluxo e que nós podemos participar tanto da sua criação como de sua transformação. Na verdade, parte de nossas obrigações como sociólogos é definir categorias humanas – pessoas com AIDS, mulheres com câncer de mama, mulheres, gays – e se nós o fizermos com a colaboração deles nós criaremos públicos. A categoria mulher torna-se a base de um público – um contra-público ativo, numeroso, visível, nacional, ou melhor, internacional – porque os intelectuais, entre eles os sociólogos, definiram as mulheres como marginalizadas, excluídas, oprimidas, e silenciadas, ou seja, as definiram de uma forma que elas se reconheceram. Dessa breve digressão através da variedade de públicos, fica claro que a sociologia precisa desenvolver uma *sociologia dos públicos* – trabalhar através e além de uma linhagem que incluiria Robert Park (1972 [1904]), Walter Lippmann (1922), John Dewey ((1927), Hanna Arendt (1958), Jürgen Habermas (1991 [1962]), Richard Sennett (1977), Nancy Fraser (1997), e Michael Warner (2002) – para melhor apreciar as possibilidades e armadilhas da sociologia pública.

Além de criar outros públicos, nós podemos constituirmo-nos a nós próprios como um público que atua na arena política. Como na famosa insistência de Durkheim, as associações profissionais deveriam ser um elemento integral da vida política nacional – e não apenas para defender seus próprios e estreitos interesses corporativos. Então, a *American Sociological Association* tem muito a contribuir com o debate público como na verdade fez quando submeteu o depoimento de Amicus Curiae à Suprema Corte no caso da Ação Afirmativa em Michigan; quando declarou que a pesquisa sociológica demonstrou a existência de racismo e que o racismo tem causas e conseqüências sociais; quando seus membros adotaram resoluções contra a Guerra do Iraque e contra a emenda constitucional que iria proscrever o casamento entre pessoas do mesmo sexo; ou quando o Conselho da ASA protestou contra a prisão do sociólogo egípcio, Saad Ibrahim. Falar em nome de todos os sociólogos é difícil, e perigoso. Nós devemos garantir as condições que nos possibilitem chegar a posições públicas através do debate aberto, através da participação livre e igualitária dos nossos membros, através do aprofundamento de nossa democracia interna. A multiplicidade de sociologias públicas reflete não apenas os diferentes públicos, mas também os diferentes compromissos de valor dos sociólogos. A sociologia pública não tem nenhuma valência normativa intrínseca, a não ser o compromisso com o diálogo em torno de questões levantadas na e pela sociologia. Ela pode apoiar o Fundamentalismo Cristão, assim como a Sociologia da Libertação ou o Comunitarismo. Se a sociologia na realidade apóia mais sociologias públicas liberais ou críticas, isto é conseqüência do *ethos* que envolve a comunidade sociológica.

Há um público que não irá desaparecer antes que nós desapareçamos – nossos estudantes. A cada ano nós criamos aproximadamente 25.000 novos

bacharéis, que escolheram fazer sociologia. O que significa considerá-los como um público potencial? Certamente não significa que devamos considerá-los como recipientes vazios nos quais entornamos nossa sabedoria, nem páginas em branco nas quais inscrevemos nosso conhecimento profundo. Ao invés disso devemos considerá-los como veículos de uma rica experiência de vida que nós elaboramos em forma de um auto-entendimento mais profundo dos contextos sociais e históricos que os tornaram em quem eles são. Com a ajuda das grandes tradições da sociologia, nós transformamos seus problemas privados em questões públicas. Nós assim o criamos engajando suas vidas e não as suspendendo, começamos de onde eles estão, não de onde nós estamos. A educação torna-se uma série de diálogos que nós fomentamos no campo da sociologia – um diálogo entre os estudantes e nós mesmos, entre os estudantes e suas próprias experiências, entre os próprios estudantes, e finalmente um diálogo entre estudantes com públicos fora da universidade. O estágio é o protótipo: quando os estudantes aprendem, eles se tornam embaixadores da sociologia no mundo, da mesma forma que eles trazem de volta para a sala de aula seus engajamentos com diversos públicos<sup>5</sup>. Como professores nós todos somos potencialmente sociólogos públicos.

Uma coisa é validar e legitimar a sociologia pública pelo reconhecimento de sua existência, retirando-a da esfera privada e colocando-a a céu aberto onde pode ser examinada e dissecada; outra coisa é torná-la parte integral da nossa disciplina, o que me conduz à Tese III.

### **Tese III: A divisão do trabalho sociológico**

*A sociologia pública é parte de uma divisão do trabalho sociológico mais ampla que inclui a sociologia política, a sociologia profissional e a sociologia crítica.*

Campeão da sociologia pública tradicional, C. Wright Mills (1959), e muitos outros desde então, iria direcionar toda sociologia para a sociologia pública. Mills espelha-se nos predecessores do século XIX, para quem a empresa teórica e moral eram indistinguíveis. Não existe retorno, entretanto, para aquele período inicial antes da revolução acadêmica. Ao contrário, nós temos que prosseguir a partir de onde efetivamente estamos, a partir da divisão do trabalho sociológico. O primeiro trabalho é distinguir sociologia pública de sociologia política. A sociologia política é uma sociologia a serviço de objetivos definidos por um cliente. A *raison d'être* da sociologia política é fornecer soluções para problemas que se nos apresentam, ou legitimar soluções que já foram alcançadas. Alguns

---

<sup>5</sup> Há uma vasta literatura sobre estágios. Dois volumes de especial relevância para a sociologia são Ostrow *et al.* (1999) e Marullo e Edwards (2000).

clientes especificam a tarefa dos sociólogos com um contrato limitado, enquanto outros se comportam como patronos e definem uma agenda política ampla. Ser uma testemunha perita, por exemplo, um importante serviço à comunidade, é uma relação relativamente bem definida com o cliente, enquanto que ser financiado pelo Departamento de Estado para investigar as causas do terrorismo ou da pobreza pode se configurar em agenda de pesquisa muito mais aberta.

A sociologia pública, em contraste, inaugura uma relação de diálogo entre sociólogos e públicos na qual a agenda de cada um é posta na mesa e passa por um processo de ajuste. Na sociologia pública, a discussão freqüentemente envolve valores e objetivos que não são automaticamente compartilhados por ambos os lados, de forma que a reciprocidade ou, como coloca Habermas (1984), a “ação comunicativa”, é muitas vezes difícil de manter. E mais, é objetivo da sociologia pública desenvolver tal conversação.

O best-seller de Barbara Ehrenreich's (2002) *Nickel and Dimed* – uma etnografia de trabalhadores mal pagos que denunciou, entre outras coisas, as práticas empregatícias da *Wal-Mart* é um exemplo de sociologia pública, enquanto que a testemunha perita de William Bielby's (2003) em discriminação sexual encomendada contra a mesma companhia seria um caso de sociologia política. As abordagens das sociologias pública e política não são nem exclusivas nem antagônicas. Como no caso mencionado, elas são não raro complementares. A sociologia política pode tornar-se sociologia pública, especialmente quando a política falha como no caso da detalhada proposta de James Coleman (1966, 1975), ou quando o governo recusa apoiar propostas políticas como a recomendação de William Julius Wilson (1996) de criar postos de trabalho para aliviar a pobreza racial, ou o envolvimento de Paul Starr nas reformas do sistema de assistência ao aborto da administração Clinton. Da mesma forma a sociologia pública pode freqüentemente tornar-se sociologia política. O relatório amplamente divulgado pela mídia de Diane Vaughan (2004) sobre o desastre da nave espacial *Columbia*, baseado em sua pesquisa anterior sobre o desastre do *Challenger*, pavimentou o caminho para que suas idéias fossem utilizadas no relatório do Conselho de Investigação do Acidente da *Columbia* (2003) e, em particular, sua acusação à cultura organizacional da *National Aeronautical and Space Administration* (NASA).

Não pode haver sociologia política ou pública sem a *sociologia profissional* que fornece métodos testados e confiáveis, corpos acumulados de conhecimento, questões balizadoras, e arcabouços conceituais. A sociologia profissional não é uma inimiga da sociologia política ou pública, mas uma condição *sine qua non* de suas existências – fornece legitimidade e expertise a ambas. A sociologia profissional consiste principalmente na interseção de vários programas de pesquisa, cada um com suas pressuposições, modelos, questões próprias, aparatos conceituais, e

teorias em desenvolvimento<sup>6</sup>. A maioria dos sub-campos contém programas de pesquisa bem estabelecidos, como a teoria da organização, estratificação, sociologia política, sociologia da cultura, sociologia da família, raça, sociologia econômica, etc. Há, não raro, programas de pesquisa dentro dos sub-campos, como ecologia organizacional dentro da teoria da organização. Programas de pesquisa progridem lidando com seus problemas característicos que vêm de anomalias externas (inconsistências entre previsões e achados empíricos) ou de contradições internas. Dessa forma, o programa de pesquisa sobre movimentos sociais foi estabelecido pelo deslocamento de teorias psicológicas e “irracionalistas” do comportamento coletivo; e pela construção de um novo referencial teórico em torno da idéia da mobilização de recursos que, por sua vez, levou à formulação de um modelo de processo político, modelo de estruturação e, mais recentemente, pela tentativa de incorporar as emoções. Dentro de cada programa de pesquisa, estudos exemplares solucionam um conjunto de problemas e, ao mesmo tempo, criam novos problemas que direcionam o programa de pesquisa para novas direções. Programas de pesquisa degeneram quando eles são imersos em anomalias e contradições, ou quando tentativas de absorver problemas tornam-se mais um instrumento de sobrevivência do que uma inovação teórica genuína. Goodwin e Jasper (2004, cap. 1) argumentam que este tem sido o destino da teoria dos movimentos sociais à medida que ela tem se tornado excessivamente geral e auto-referente.

É papel da *sociologia crítica*, meu quarto tipo de sociologia, examinar as fundações – ambas, explícitas e implícitas; ambas, normativas e descritivas – dos programas de pesquisa da sociologia profissional. Nos referimos aqui ao trabalho de Robert Lynd (1939) que acusou a ciência social de estar abdicando dos urgentes problemas culturais e institucionais dos nossos tempos por causa de sua obsessão pela técnica e especialização. C. Wright Mills (1959) acusou a sociologia profissional da década de 1950 por sua irrelevância, pois tomava a direção ou de uma “grande teoria” obtusa ou de um “empirismo abstrato”, que separa os dados dos seus contextos. Alvin Gouldner (1970) acusou incisivamente o funcionalismo estrutural por suas pressuposições sobre uma sociedade do consenso que estava em completa falta de sintonia com os crescentes conflitos da década de 1960. O feminismo, a teoria homossexual e a teoria racial *puxaram a orelha* da sociologia profissional por esta não dar a devida atenção à ubiquidade e profundidade das opressões de gênero, sexual e de raça. Em cada caso a sociologia crítica tenta alertar a sociologia profissional dos vieses e silêncios através da construção de novos programas de pesquisa construídos em bases alternativas. A sociologia crítica é a

---

<sup>6</sup> Na formulação da idéia de programas de pesquisa eu tenho a influência de Imre Lakatos (1978) e seus debates com Thomas Khun, Karl Popper, e outros.

consciência da sociologia profissional da mesma forma que a sociologia pública é a consciência da sociologia política.

A sociologia crítica também nos apresenta duas questões que colocam nossas quatro sociologias em mútua relação. A primeira questão é posta por Alfred McLung Lee (1976) em seu Discurso Presidencial, “Sociologia para Quem?” Falamos apenas para nós mesmos (audiência acadêmica) ou nos dirigimos aos outros (audiência extra-acadêmica)? Colocar esta questão é já respondê-la, pois poucos iriam defender uma disciplina hermeticamente fechada, ou a busca do conhecimento por ele mesmo. Para defender o engajamento com audiências extra-acadêmicas, seja a serviço de clientes ou dirigindo-se a determinados públicos, não nega os perigos e riscos que tal postura encerra, mas apenas dizer que é uma postura necessária até mesmo por causa dos seus perigos e riscos.

Tabela 1: Divisão do Trabalho Sociológico

	Audiência Acadêmica	Audiência Extra-acadêmica
Conhecimento Instrumental	Profissional	Acadêmico
Conhecimento Reflexivo	Crítico	Público

A segunda questão é posta por Lynd: “Sociologia para Quê?” Devemos nos preocupar com os fins da sociedade ou apenas com os meios para atingir esses fins. Esta é a distinção subjacente à discussão de Max Weber sobre racionalidade técnica e de valor. Weber, e em seguida a Escola de Frankfurt, estavam preocupados com o fato da racionalidade técnica estar suplantando a questão do valor, o que Horkheimer (1974 [1944]) se referiu como o eclipse da razão ou o que ele e seu colaborador, Theodor Adorno, chamaram da dialética do esclarecimento. Eu chamo um tipo de conhecimento de *Conhecimento Instrumental*, se ele for dedicado à resolução de problemas da sociologia profissional ou da sociologia política. Chamo o outro tipo de *Conhecimento Reflexivo* porque ele se preocupa com o diálogo acerca dos fins; quer o diálogo ocorra dentro da comunidade acadêmica sobre os fundamentos de seus programas de pesquisa ou entre os acadêmicos e os vários públicos sobre os destinos da sociedade. O conhecimento reflexivo interroga sobre o valor das premissas da sociedade assim como da nossa profissão. O esquema como um todo é exposto na Tabela 1<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Esse esquema traz uma estranha semelhança com as famosas quatro funções de Talcott Parsons (1961) – adaptação, cumprimento de objetivos, integração e latência (modelo de manutenção) (AGIL) – que qualquer sistema tem que satisfazer para sobreviver. Se a sociologia crítica corresponde à função de latência baseada não compromisso com os valores, a sociologia pública corresponde à integração, onde a influência é o meio de troca,

Na prática, qualquer sociologia pode utilizar-se desses tipos ideais ou mover-se entre eles ao longo do tempo. Por exemplo, eu já assinaei que a distinção entre sociologia pública e sociologia política pode ser freqüentemente borrada – a sociologia pode simultaneamente servir a um cliente e gerar debate público.

Categorias são produtos sociais. Essa categorização do trabalho sociológico redefine a forma como consideramos nós próprios. Eu estou me apropriando do que Pierre Bourdieu (1986 [1979], 1988 [1984]) chamaria de luta pela classificação, o deslocamento dos debates sobre técnicas quantitativas e qualitativas, metodologias positivistas e interpretativas, sociologia micro e macro, pela colocação de duas questões: para quem e porque nós exercemos a sociologia? As teses por vir tentam justificar e expandir esse sistema de classificação.

#### **Tese IV: A elaboração da complexidade interna**

*As questões – “conhecimento para quem?” e “conhecimento para que?” – definem o caráter fundamental de nossa disciplina. Elas não apenas dividem a sociologia em quatro tipos diferentes, mas nos permitem entender como cada tipo é internamente construído.*

Nossos quatro tipos de conhecimento representam não apenas uma diferenciação funcional da sociologia, mas também quatro perspectivas diferentes na sociologia. A divisão do trabalho sociológico parece ser bem diferente do ponto de vista da sociologia crítica quando comparada, por exemplo, com a visão da sociologia política! Na verdade, a sociologia crítica se define amplamente por sua oposição à sociologia profissional hegemônica (“mainstream”), ela mesma vista como inseparável de uma sociologia política renegada. A sociologia política dá o troco, atacando a sociologia crítica de politizar e dessa forma desacreditar a disciplina. Assim, desde a ótica de cada categoria, nós tendemos a essencializar, homogeneizar e estereotipar as outras. Nós devemos nos esforçar, por isso, para compreender a complexidade dos quatro tipos de sociologia. A melhor maneira de o fazer é colocando novamente a nossas duas questões básicas: conhecimento para quem e conhecimento para que? O resultado é uma diferenciação interna de cada tipo de sociologia, e, por isso, um quadro mais sutil. Nós também

---

então a sociologia política corresponde ao cumprimento de objetivos, e a sociologia profissional, com sua economia de credenciais, corresponde à adaptação. Habermas (1984, cap. 7) promove um desenvolvimento crítico à teoria de Parsons quando se refere à colonização do mundo da vida (latência e integração) pelo sistema (adaptação e cumprimento de objetivos). Como devemos ver adiante, a Tese VII combina a tese da colonização de Habermas com a análise de campo do mundo acadêmico em Bourdieu (1988 [1984]).

aprendemos sobre as tensões dentro de cada tipo de sociologia ao direcionarmos ela para uma ou para outra direção.

Começemos com a sociologia profissional. No seu centro está a criação, elaboração, e degeneração de múltiplos programas de pesquisa. Mas há também uma dimensão política na sociologia profissional que defende a pesquisa sociológica num mundo mais amplo – defesa de fundos para pesquisas politicamente contestadas, tais como o estudo do comportamento sexual; a determinação de protocolos para sujeitos humanos; a procura de apoio governamental para grupos de programas minoritários, etc. Essa dimensão política da sociologia profissional concentra-se no escritório da *American Sociological Association* e está representada por seu jornal *Footnotes*. Então há o lado público da sociologia profissional, que apresenta os resultados das pesquisas de uma maneira acessível ao público leigo. Este foi o propósito formal da nova revista, *Contexts*, mas uma função similar é desempenhada pelas Entrevistas Coletivas organizadas pelo escritório da ASA. Aqui, também, nós encontramos uma infinidade de professores que disseminam os resultados das pesquisas sociológicas e, obviamente, os manuais. Esta é uma linha tênue que separa a face pública da sociologia profissional da sociologia pública propriamente dita, mas a primeira é mais intimamente preocupada em assegurar as condições para nossas atividades profissionais centrais.

Finalmente, há um lado crítico na sociologia pública – debates nos e entre os programas de pesquisa como aqueles acerca da importância relativa de classe e raça, sobre os efeitos da globalização, sobre os modelos de trabalho excessivo, sobre a base de classe da política eleitoral, sobre as fontes do subdesenvolvimento, e assim por diante. Tais debates críticos são objeto de artigos no *Annual Review of Sociology*, e eles injetam o dinamismo necessário nos nossos programas de pesquisa. As quatro divisões da sociologia profissional estão representadas na Tabela 2.

Tabela II: Dissecando a Sociologia Profissional

Profissional	Política
Pesquisa conduzida dentro dos programas de pesquisa que define pressuposições, teorias, conceitos, questões e problemas	Defesa da pesquisa sociológica, sujeitos humanos, financiamentos, Entrevistas Coletivas
Crítica	Pública
Debates críticos da disciplina nos e entre os programas de pesquisa	Preocupação com a imagem pública da sociologia, apresentação de resultados de maneira acessível, ensino de sociologia básica e escritura de manuais

Por causa de seu tamanho, nós podemos identificar uma diferenciação funcional, ou como Abbott (2001) chamaria uma “fragmentação” da sociologia profissional, mas os outros tipos de sociologia são menos desenvolvidos internamente de forma que é melhor referir-se aos seus diferentes aspectos ou dimensões. Dessa forma, a atividade essencial da sociologia pública – o diálogo entre sociólogos e seus públicos – é apoiada (ou não) por seus momentos profissionais, críticos ou políticos. Tome-se, por exemplo, o Projeto de Pesquisa de Mídia e Ação do Boston College, que reúne sociólogos e líderes comunitários para descobrirem as melhores formas de apresentar questões sociais na mídia. Há um momento profissional nesse projeto baseado na idéia de estruturação de William Gamson, um momento crítico baseado nas formas limitadas como a mídia opera e um momento político, que lida com os objetivos concretos dos líderes comunitários. Charlotte Ryan (2004) descreve as tensões no projeto que vêm das demandas contraditórias entre a imediaticidade da sociologia pública e os ritmos de carreira da sociologia profissional, enquanto Gamson (2004) sublinha o limitado comprometimento econômico da universidade para com um projeto destinado a empoderar comunidades locais.

A sociologia política também tem seus momentos profissionais, críticos e públicos. Um caso interessante é a experiência de Judy Stacey (2004) como uma testemunha perita defendendo casamento do mesmo sexo em Ontário no Canadá. Os oponentes legais aproveitaram-se dos seus artigos publicados e amplamente lidos (Stacey e Biblarz, 2001). Os autores argumentaram que enquanto estudos mostravam pequenas diferenças dos efeitos da paternidade gay sobre as crianças – que eles eram mais abertos à diversidade sexual – não havia evidência que os efeitos eram “maléficos”. Os oponentes a casamentos entre pessoas do mesmo sexo argumentaram que Stacey e Biblarz baseavam-se em estudos tão inconsistentes do ponto de vista científico que não os autorizavam a chegar a tais conclusões. Judy Stacey, então, viu a si própria numa posição não-usual de defender o rigor científico de suas conclusões. Além disso, sua defesa da liberdade civil dos gays subsidiou a defesa do casamento – uma instituição a que ela tinha dirigido intenso criticismo em seus escritos acadêmicos. Nesse caso, nós vemos o quanto a sociologia política pode coibir preconceitos sociais e o quanto sua dependência em relação à sociologia profissional pode colocá-la em conflito com as sociologias crítica e pública. As quatro faces de qualquer tipo de sociologia podem não estar em harmonia entre si.

Podemos notar o mesmo na sociologia crítica. Em seu artigo clássico, *Uma Sociologia para as Mulheres*, Dorothy Smith (1987, cap. 2) criticou severamente a sociologia por sua universalização do ponto de vista masculino, especialmente o ponto de vista dos homens de poder que comandam as macroestruturas da sociedade. Baseando-se nos escritos canônicos de Alfred Schütz, ela elabora o ponto de vista das mulheres como enraizados nas

microestruturas da vida diária – trabalho invisível que sustenta as macroestruturas. Patrícia Hill Collins (1991) levou adiante a análise desse ponto de vista insistindo que as intuições acerca da sociedade vêm daqueles que são multiplamente oprimidos – mulheres negras pobres –, mas ela também se baseou em teoria social convencional, no seu caso não em Schütz, mas em George Simmel e Robert Merton, para elaborar a crítica da sociologia profissional. Além disso, também havia nela um momento público – a conexão das mulheres negras intelectuais às mulheres negras pobres foi necessária para trazer uma maior universalidade à sociologia profissional. Assim, nós vemos os momentos profissional e público da sociologia crítica, mas e quanto ao seu momento político? Poderia alguém argumentar que aqui repousa a realpolitik de defender espaços para o pensamento crítico dentro da universidade, espaços que incluiriam os programas interdisciplinares, institutos e a luta pela representação?

Esses são apenas alguns exemplos para ilustrar a complexidade de cada tipo de sociologia, reconhecendo suas dimensões acadêmicas e extra-acadêmicas, assim como as dimensões instrumental e reflexiva. Nós não devemos esquecer essa complexa composição interna quando nós focarmos novamente as relações entre os quatro principais tipos de sociologia.

#### **Tese V: Localizando a sociologia**

*Uma distinção tem que ser feita entre a sociologia e suas divisões internas, por um lado, e entre os sociólogos e suas trajetórias, por outro. A vida do sociólogo é impulsionada pela tensão entre seu habitus sociológico e a estrutura do campo disciplinar como um todo.*

Nós devemos distinguir entre a divisão do trabalho sociológico e os sociólogos que habitam uma ou mais posições em seu interior. Cerca de 30% dos PhDs estão empregados fora da universidade, principalmente no mundo da pesquisa política de onde eles podem se aventurar a entrar no domínio público (Kang, 2003). Os 70% dos PhDs que ensinam em universidades ocupam o quadrante profissional, conduzindo pesquisa e disseminando seus resultados, mas eles também podem ocupar posições em outros quadrantes, pelo menos se possuem posições profissionais estáveis. Em contraste, o exército de trabalhadores temporários – adjuntos, palestrantes temporários, instrutores sem dedicação exclusiva – estão fixos em um único lugar, recebendo salários irrisórios (\$ 2.000 a \$ 3.000 por curso) para ensinarem, geralmente com afimco, sem estabilidade no emprego e sem benefícios trabalhistas (Spalter-Roth and Erskine 2004). Eles são mais comuns nas universidades altamente conceituadas onde eles podem corresponder a 40% dos profissionais de ensino de mais de 40% dos cursos. Esses são os sub-trabalhadores que financiam as pesquisas e os salários dos membros permanentes, pois os poupa de outras atividades.

Dessa forma, muitos de nossos distintos sociólogos têm ocupado múltiplas posições. James Coleman, por exemplo, trabalhou simultaneamente nos campos profissional e político, ao tempo que se demonstrava hostil às sociologias crítica e pública. Christopher Jencks, que tem trabalhado em campos políticos similares, é original ao combinar momentos críticos e públicos com compromissos profissionais e políticos. A sociologia das emoções de Arlie Hochschild é delineada entre a sociologia profissional e a crítica, enquanto que sua pesquisa sobre trabalho e família combina sociologia pública e sociologia política. Obviamente, esses sociólogos têm ou tiveram uma posição confortável na hierarquia dos departamentos de sociologia onde as condições de trabalho permitem uma localização múltipla. Muitos de nós apenas ocupamos um quadrante de cada vez. Por isso nós também devemos focar as carreiras.

Os sociólogos não são apenas localizados em diferentes posições, eles também assumem trajetórias ao longo do tempo entre os quatro tipos de sociologia. Antes da consolidação das carreiras profissionais, o movimento entre os quadrantes era mais errático. Cada vez mais insatisfeito com a academia e marginalizado em seu interior por causa de sua raça, depois de concluir *O Negro da Filadélfia* (The Philadelphia Negro) em 1989, e após fundar e administrar o *Atlanta Sociological Laboratory* na Universidade de Atlanta entre 1987 e 1910, W. E. B. Du Bois deixou a academia para fundar a *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP) e tornar-se o editor de sua revista, *Crisis*. Nesse papel público ele escreveu todo tipo de ensaios populares que eram, inevitavelmente, influenciados por sua sociologia. Em 1934 retornou à academia para presidir o departamento de sociologia de Atlanta, onde ele concluiu uma outra monografia clássica, *Reconstrução Negra* (Black Reconstruction), porém partiu mais uma vez, após a Segunda Guerra Mundial, para cenários nacionais e internacionais. Suas incansáveis campanhas por justiça racial eram o supra-sumo da sociologia pública, embora, obviamente, seu objetivo principal era promover a mudança política. A sociologia pública é freqüentemente uma avenida para os marginalizados, excluídos da arena política e exilados da academia.

Enquanto W. E. B. Du Bois optava por atuar fora da academia, seu calcanhar de Aquiles, uma figura central na sociologia da raça, Robert Park, percorria uma direção oposta<sup>8</sup>. Depois de anos como jornalista, o que incluiu matérias radicais de denúncia das atrocidades da Bélgica no Congo, ele tornou-se secretário particular e analista de pesquisa de Booker T. Washington, antes de entrar, e então dar um formato profissional ao departamento de sociologia da Universidade de Chicago (Lyman, 1992).

<sup>8</sup> Agradeço a Stephen Steinberg indicar-me esta coincidência. Apesar de ele ter desempenhado um papel fundamental na profissionalização da sociologia, Park não desistiu da reforma social, e isso apesar de endossar uma ciência social isenta e sua aberta oposição à sociologia da ação das mulheres da *Hull House*.

C. Wright Mills foi de uma geração posterior, mas como Du Bois tornou-se crescentemente arredo à academia. Depois de se graduar em filosofia na Universidade de Texas, ele foi para Wisconsin para trabalhar com o exilado Hans Gerth. Lá ele escreveu sua dissertação sobre o pragmatismo. Robert Merton e Paul Lazarsfeld o recrutaram para a Universidade de Columbia pelo fato de ele ter se revelado um profissional bastante promissor. Incapaz de tolerar a “prática iliberal” do Bureau de Pesquisa Aplicada de Lazarsfeld, ele abandonou a sociologia instrumental por uma sociologia pública – *O Novo Homem de Poder, Colarinho Branco, Elite do Poder* (New Men of Power, White Collar e Power Elite). No fim de sua curta vida ele iria voltar à promessa e traição da sociologia na sua inspirada *A Imaginação Sociológica*. Essa virada à sociologia crítica coincidiu com um passo para além da sociologia no domínio do público intelectual com *Escuta, Ianque! e As Causas da Terceira Guerra Mundial* (Listen, Yankee! e The Causes of World War Three) – livros apenas frouxamente relacionados à sociologia<sup>9</sup>.

As carreiras em sociologia hoje são mais regulamentadas do que o eram nos tempos de Mill. Um estudante típico de graduação, talvez influenciado por um professor ou por um movimento social em declínio – entra na graduação com uma disposição crítica, querendo aprender mais sobre as possibilidades de mudança social, se se pode limitar a expansão da AIDS na África, canalizar a violência juvenil, as condições de sucesso do movimento feminista na Turquia e Irã, a família como fonte de moralidade, a variação de apoio à pena de morte, a falta de concordância pública sobre o Islã, etc. Lá ele(a) se confronta com uma sucessão de cursos obrigatórios, cada um com seus textos áridos a serem compreendidos ou técnicas abstratas a serem adquiridas. Depois de três ou quatro anos ele(a) está pronto(a) para prestar o *qualifying* ou exames preliminares em três ou quatro áreas, quando embarca em sua dissertação. Todo o processo toma algo como cinco anos ou mais. Tudo funciona como se a graduação fosse organizada para expurgar dos compromissos morais aquele interesse primeiro que a sociologia inspirou.

Assim como Durkheim frisou os elementos não-contratuais do contrato – o consenso subjacente e a confiança sem os quais esses contratos seriam impossíveis – então, igualmente, nós devemos apreciar a importância dos suportes não-carreirísticos das carreiras. Muitos dos 50% a 70% dos alunos de graduação que sobrevivem para receber seus PhDs, mantêm os seus compromissos originais através do exercício paralelo da sociologia pública – escondidos de seus orientadores. Quão freqüente eu não tenho escutado professores aconselharem seus alunos a deixar a sociologia pública até que atinjam maturidade – sem

---

<sup>9</sup> A distinção entre “sociólogo público” e “intelectual público” é importante – o primeiro é uma variação especializada do segundo, limitando o comentário público a áreas de expertise estabelecida ao invés de abordar tópicos de interesses mais gerais (Gans 2002).

compreender (ou compreendendo bem demais?) que é a sociologia pública que mantém a paixão acesa pela sociologia. Caso sigam o conselho de seus conselheiros, eles podem acabar como trabalhadores temporários, situação em que haveria ainda menos tempo para a sociologia pública; ou poderiam ter sorte o suficiente para ingressar uma carreira profissional estável, situação em que teriam que se preocupar acerca da escritura de artigos em jornais indexados ou publicar livros em editoras universitárias reconhecidas. Considerando que tenham estabilidade, eles são livres para cultivar suas paixões de outrora, mas então eles não são mais jovens. Podem ter perdido todo o interesse pela sociologia pública, preferindo o mais lucrativo mundo político dos consultores ou um nicho da sociologia profissional. É melhor entregar-se ao compromisso com a sociologia pública desde o início, e dessa forma acender a tocha da sociologia profissional.

A diferenciação do trabalho sociológico, com sua conseqüente especialização, pode criar ansiedade para o *habitus* sociológico que nutre o desejo por uma unidade entre o conhecimento reflexivo e o instrumental, ou um *habitus* que deseja ambas audiências, a acadêmica e a extra-acadêmica. A tensão entre instituição e *habitus* faz com que os sociólogos ansiosamente transitem de quadrante a quadrante, onde eles podem fixar-se numa acomodação ritualística antes de seguirem adiante, ou mesmo abandonar a disciplina como um todo. E mais, há sempre aqueles, cujo *habitus* adapta-se bem à especialização e cuja energia e paixão são contagiantes, que transbordam para os outros quadrantes. Como argumentarei agora, a especialização não é inimiga da sociologia pública.

#### **Tese VI: O modelo normativo e suas patologias**

*O florescimento de nossa disciplina depende de um ethos compartilhado, dando suporte à interdependência recíproca entre as sociologias profissional, política, pública e crítica. Sendo excessivamente dóceis às suas diferentes audiências, entretanto, cada tipo de sociologia pode assumir formas patológicas, ameaçando a vitalidade do todo.*

Aqueles que têm endossado a sociologia pública têm freqüentemente desprezado a sociologia profissional. Os *Últimos Intelectuais* (The Last intellectuals) de Russel Jacoby (1987) iniciou uma série de comentários que lastimam o retiro do intelectual público para uma espécie de casulo profissional. Assim, Orlando Patterson (2002) celebra David Riesman como “O Último Sociólogo”, porque Riesman, entre outros de sua geração, lidava com questões de grande importância pública, enquanto a sociologia profissional de hoje testa hipóteses estreitas, macaqueando as ciências naturais. Ao perguntar “O que aconteceu com a Sociologia?”, Peter Berger (2002) responde que o campo é vítima de um fetichismo metodológico e de uma obsessão por tópicos triviais. Mas ele também reclama

que a geração dos anos 1960 transformou a sociologia de uma ciência em uma ideologia. Ele percebe que a recepção fria da sociologia pública entre muitos sociólogos profissionais, que temem que o envolvimento público irá corromper a ciência, ameaça a legitimidade da disciplina, assim como os recursos materiais que estará à sua disposição.

Eu defendo uma posição contrária – que entre a sociologia profissional e a pública deve haver, e freqüentemente há – respeito e sinergia. Longe de ser incompatível, as duas são como irmãs siamesas. Na realidade, a minha visão normativa da disciplina sociológica é de uma interdependência mútua entre os quatro tipos – uma solidariedade orgânica na qual cada tipo de sociologia absorve energia, significação e imaginação da sua conexão com as outras.

Como eu já insisti, o componente profissional está no coração de nossa disciplina. Sem a sociologia profissional não pode haver sociologia pública ou política, mas também não pode haver uma sociologia crítica – pois não haveria nada para criticar. Igualmente, a sociologia profissional depende para a sua vitalidade dos contínuos desafios das questões públicas através do veículo da sociologia pública. Foi o movimento pelos direitos civis que transformou a compreensão de política dos sociólogos; foi o movimento feminista que deu nova direção a muitas esferas da sociologia. Em ambos os casos foram sociólogos engajados e participando nesses movimentos, que infundiram novas idéias na sociologia. Da mesma forma, a defesa pública do casamento de Linda Waite (2000) gerou um vívido debate na nossa profissão. A sociologia crítica pode ser um incômodo para a sociologia profissional, mas ela é crucial para forçar a consciência das nossas pressuposições e, assim, de tempo em tempo, possamos mudar tais pressuposições. O quanto os desafios de Alvin Gouldner (1970) não eram bravos e revigoradores para o funcionalismo estrutural, mas também para a forma com que a sociologia política podia ser um agente involuntário do opressivo controle social. Hoje nós podemos incluir na rubrica de sociologia crítica o movimento por uma “sociologia pura”, uma sociologia científica purgada do engajamento público. O que foi sociologia profissional ontem pode ser crítica hoje. A sociologia política, por sua vez, tem reenergizado a sociologia da desigualdade com suas pesquisas sobre a pobreza e a educação. Mais recentemente, pesquisas médicas têm conjugado as quatro sociologias através da colaboração com grupos cidadãos em torno de doenças tais como câncer de mama, construção de novos modelos participativos de ciência (Brown *et al.* 2004; McCormick *et al. mimeo*).

Tabela 3: Elaborando os Tipos de Conhecimento Sociológico

	Acadêmico	Extra-acadêmico
Instrumental	Sociologia Profissional	Sociologia Política
<i>Conhecimento</i>	<i>Teórico/empírico</i>	<i>Concreto</i>
<i>Confiança</i>	<i>Correspondência</i>	<i>Pragmática</i>
<i>Legitimidade</i>	<i>Normas científicas</i>	<i>Efetividade</i>
<i>Responsabilidade</i>	<i>Pares</i>	<i>Clientes</i>
<i>Política</i>	<i>Interesse profissional próprio</i>	<i>Intervenção política</i>
<i>Patologia</i>	<i>Auto-referencialidade</i>	<i>Servilismo</i>
Reflexivo	Sociologia Crítica	Sociologia Pública
<i>Conhecimento</i>	<i>Fundacional</i>	<i>Comunicativo</i>
<i>Confiança</i>	<i>Normativo</i>	<i>Consenso</i>
<i>Legitimidade</i>	<i>Visão moral</i>	<i>Relevância</i>
<i>Responsabilidade</i>	<i>Intelectuais críticos</i>	<i>Públicos designados</i>
<i>Política</i>	<i>Debate interno</i>	<i>Diálogo Público</i>
<i>Patologia</i>	<i>Dogmatismo</i>	<i>Efemeridade</i>

Tais exemplos de sinergia são abundantes, mas nós devemos desconfiar da idéia de que a integração de nossa disciplina é fácil. As conexões entre as quatro sociologias são não raro difíceis de atingir porque elas demandam práticas cognitivas profundamente diferentes; diferentes em muitas dimensões – forma de conhecimento, verdade, legitimidade, responsabilidade<sup>10</sup>, e política, culminando com suas próprias patologias. A tabela 3 expõe essas diferenças.

O conhecimento que nós associamos à sociologia profissional é baseado no desenvolvimento de programas de pesquisa, diferente do conhecimento concreto requerido pelos clientes da política, diferente do conhecimento comunicativo compartilhado entre os sociólogos e seus públicos, que, por sua vez, é diferente do conhecimento fundacional da sociologia crítica. Daí se segue a noção de verdade que cada uma adere. No caso da sociologia profissional, o foco é na produção de teorias que correspondam ao mundo empírico; no caso da sociologia política, o conhecimento tem que ser “prático” e “útil”; enquanto que com a sociologia pública, o conhecimento é baseado no consenso entre os sociólogos e seus respectivos públicos; ao tempo que para a sociologia crítica, a verdade não é nada sem uma fundação normativa que a guie. Cada tipo de sociologia tem sua própria legitimação: a sociologia profissional justifica-se com base nas normas científicas, a sociologia política com base em sua eficácia, a

<sup>10</sup> Usamos o termo “responsabilidade” para traduzir, do inglês, “accountability”, no sentido de se ter responsabilidade de justificar suas próprias ações perante a sociedade.

sociologia pública com base em sua relevância e a sociologia crítica tem que fornecer visões morais. Cada tipo de sociologia tem sua própria noção de responsabilidade. A sociologia profissional deve satisfações à revisão dos pares, a sociologia política a seus clientes, a sociologia pública a determinado público, enquanto que a sociologia crítica deve satisfações à comunidade dos intelectuais críticos que pode transcender as fronteiras da disciplina. Além disso, cada tipo de sociologia tem sua própria política. A sociologia profissional defende as condições da ciência, a sociologia política propõe políticas de intervenção, a sociologia pública entende a política como um diálogo democrático, enquanto a sociologia crítica é comprometida com a abertura de debates dentro de nossa disciplina.

Finalmente, e de maneira mais significativa, cada sociologia sofre de sua própria patologia, que vem de sua prática cognitiva e de sua imersão em instituições divergentes. Aqueles que falam apenas para um estreito círculo de colegas acadêmicos retroagem a uma situação insular. No intuito de resolver problemas definidos por nossos programas de pesquisa, a sociologia profissional pode facilmente tornar-se convenientemente irrelevante<sup>11</sup>. Na nossa tentativa de defender nossa posição no mundo da ciência, nós realmente temos um interesse por monopolizar um conhecimento inacessível, que pode levar a uma grandiosidade incompreensível ou um estreito “metodismo”. Não menos do que a sociologia profissional, a sociologia crítica tem suas próprias tendências patológicas em direção a um sectarismo engravado – comunidades de dogma que não oferecem mais nenhum compromisso sério com a sociologia profissional ou com a infusão de valores na sociologia pública. Por outro lado, a sociologia política é muito facilmente capturada pelos clientes que impõem obrigações contratuais rígidas nos seus financiamentos, distorções que reverberam em direção à sociologia profissional. Se a pesquisa de mercado tivesse dominado o financiamento da sociologia política, como Mills temia que iria acontecer, então nós todos poderíamos estar em maus lençóis. A migração de sociólogos para os negócios, a educação e escolas políticas podem ter aliviado essa patologia, mas certamente não isolou a disciplina de tais pressões. A sociologia pública, não menos que a sociologia política, pode ficar refém de forças externas. À procura de popularidade, a sociologia pública é tentada a acoitar e bajular seus públicos e, dessa forma, fazer concessões no que tange a seus comprometimentos profissionais e críticos. Há, obviamente, o outro perigo, que a sociologia pública dirija-se com ares de superioridade a seu público, uma espécie de vanguardismo intelectual. Na verdade, pode-se detectar tal patologia no desdém de C. Wright Mills pela sociedade de massa.

---

<sup>11</sup> Eu digo “convenientemente” irrelevante porque antes de qualquer coisa o programa de pesquisa de um pesquisador define o que é anômalo e o que é contraditório. Se os resultados parecem triviais, então o próprio programa tem que assumir a relevância e o insight.

Essas patologias são tendências reais, de forma que as visões críticas de Jacoby, Patterson, Berger e outros em relação à sociologia profissional não são sem fundamentos. Esses críticos erram, entretanto, ao reduzir o patológico ao normal. Eles não percebem as pesquisas importantes e relevantes da sociologia profissional, demonstrada, por exemplo, nas páginas de *Contexts*, da mesma forma que eles passam vistas grossas às patologias de seus próprios tipos de sociologia. Os profissionais não são menos culpados por *patologizar* a sociologia pública como “sociologia popular” enquanto deixa de perceber a ubíqua e robusta, mas freqüentemente menos acessível sociologia pública. Enquanto comunidade, nós temos nos digladiado com muita facilidade, cegos à interdependência de nossos conhecimentos divergentes. Nós temos que nos unir até as últimas conseqüências fazer com que nossas sociologias profissional, política, pública e crítica sejam mutuamente responsáveis. Dessa forma nós também poderíamos conter o desenvolvimento das patologias. A institucionalização desse intercâmbio também iria requerer que nós desenvolvêssemos um *ethos* que reconhecesse a validade de todos os quatro tipos de sociologia – um compromisso baseado na urgência dos problemas que nós estudamos. Numa situação ideal, nessa visão normativa, não se teria que ser um sociólogo público para contribuir com a sociologia pública, poder-se-ia fazer isso sendo um bom sociólogo profissional, crítico ou político. O florescimento de cada sociologia iria fomentar o florescimento das outras.

### **Tese VII: A disciplina como um campo de poder**

*Na realidade disciplinas são campos de poder nos quais a interdependência recíproca torna-se assimétrica e antagonística. O resultado, pelo menos nos Estados Unidos, é uma forma de dominação na qual o conhecimento instrumental prevalece sobre o conhecimento reflexivo.*

Nosso anjo da história, tendo se levantado na década de 1970, foi varrido novamente em outro temporal nos anos de 1980. A sociologia estava em crise, as matrículas de graduação caíam vertiginosamente, o mercado de trabalho para sociólogos qualificados piorou, havia rumores sobre fechamento de departamentos e, intelectualmente, a disciplina parecia perder direção. Pela caneta de Irving Louis Horowitz (1993) surgiu a *Decomposição da Sociologia* (Decomposition of Sociology), que contestava a politização da sociologia. James Coleman (1991, 1992) publicou artigos acerca dos perigos da correção política e a invasão da academia pela norma social. A edição publicada de *O que Está Errado com a Sociologia?* (What's Wrong with Sociology?) arregimentou distintos sociólogos tais como Peter Berger, Joan Huber, Randall Collins, Seymour Martin Lipset, James

Davis, Mayer Zald, Arthur Stinchcombe, e Howard Becker. Eles lamentaram a fragmentação, incoerência e incapacidade de acumulação, como se uma verdadeira ciência – usando sua imagem de ciência natural ou economia – fosse sempre integrada, coerente e cumulativa. O otimismo da década de 1950 esvaiu-se diante da barreira dos desafios críticos à sociologia do consenso durante as décadas de 1960 e 1970. Agora, pagava-se pelos erros do passado e a sociologia, ou suas visões de sociologia, estava em perigo.

Talvez o mais interessante protótipo desse gênero de escrita foi *A Ciência Impossível* (The Impossible Science) de Stephen Turner (1990) que reconstruiu a história da sociologia desde esse ponto de vista desesperançoso. Desde o início, eles asseveram, a sociologia não tinha nem uma audiência permanente nem padrões ou clientes confiáveis. Ela foi continuamente atropelada pelas forças políticas, processo interrompido por uma ascendência científica transitória depois da Segunda Guerra Mundial. Se há um fio condutor comum a todas essas narrativas de declínio é o que atribui a crise da sociologia ao poder subversivo de seu conhecimento reflexivo, seja na forma de sociologia crítica ou pública.

Em um aspecto eu concordo com os “declinistas”: nossa disciplina não é apenas uma divisão de trabalho potencialmente integrada, mas também um *campo de poder*, uma hierarquia mais ou menos estável de conhecimentos antagonísticos. Meu desacordo, entretanto, é com a sua avaliação do estado da sociologia e o balanço de poder no interior da disciplina. O declínio da sociologia na década de 1980 teve vida curta. Longe de estar no marasmo, a sociologia de hoje nunca esteve em melhor forma. O número de bacharéis tem aumentado constantemente desde 1985, superando economia e história e quase alcançando a ciência política. A produção de PhDs ainda é mais lenta do que essas disciplinas vizinhas, mas nós temos crescido constantemente desde 1989. Iremos crescer, presumidamente, até atingir a demanda do ensino de graduação, embora a tendência ao trabalho provisório e secundário não mostre sinal de enfraquecimento. A adesão à *American Sociological Association* tem aumentado rapidamente nos últimos quatro anos, restaurando os bons tempos da década de 1970. Dado o clima hostil à sociologia isto seja talvez estranho, porém pode ser que esse próprio clima esteja atraindo as pessoas para os momentos crítico e público da sociologia.

Meu segundo ponto de desacordo com os “declinistas” diz respeito à ameaça à sociologia. Eu acredito que é a dimensão reflexiva da sociologia que está em perigo e não a instrumental. Pelo menos nos Estados Unidos as sociologias profissional e política – uma fornecendo carreira e a outra fornecendo fundos – ditam a direção da disciplina. O fornecimento de valores da sociologia crítica o fornecimento de influência da sociologia pública não se igualam ao poder da carreira e do dinheiro. Pode haver diálogo ao longo da dimensão vertical da Tabela I, mas os laços reais de simbiose estão na direção horizontal, criando uma coalizão dominante entre as sociologias profissional e política e

uma reciprocidade subalterna entre as sociologias crítica e pública. Este modelo de dominação deriva da imersão da disciplina em constelação mais ampla de poder e interesses. Na nossa sociedade dinheiro e poder falam mais alto do que valores e influência. Nos Estados Unidos o capitalismo é especialmente implacável com uma esfera pública que não somente é fraca, mas dominada por um exército de especialistas e uma plethora de mídia. A voz sociológica é facilmente abafada. Assim como a sociologia pública tem que enfrentar uma esfera pública competitiva, também a sociologia crítica debate-se com a fragmentação das disciplinas, e, como corolário, a discussão crítica é privada de acesso ao seu mais poderoso motor – disposições paralelas ocorrem em outras disciplinas.

O balanço de poder pode pesar a favor do conhecimento instrumental, mas nós ainda podemos, por nós próprios, fazer a nossa disciplina, criando espaços para uma visão mais vital e corajosa. Para ser preciso, existe uma contradição entre a responsabilidade da sociologia profissional para com seus pares e a responsabilidade da sociologia pública para com os públicos; mas isso deve nos levar a campos antagônicos – cada um patologizando o outro? Na verdade as sociologias crítica e política não se entendem – uma se apega a sua autonomia e a outra a seus clientes –, mas se cada uma reconhecesse partes da outra em si próprias, poderiam, juntas, deslocar o antagonismo. Em vez de dividir a disciplina em esferas separadas, nós devemos desenvolver uma variedade de sinergias e articulações proveitosas.

Aqui não há mais espaço para explorar outros potenciais antagonismos e alianças nesse campo de poder. É suficiente dizer que, se nossa disciplina só pode ser unificada em um sistema de dominação, que seja um campo de hegemonia e não de despotismo. Isso significa que os conhecimentos subalternos (crítico e público) deveriam ter garantido seus espaços para desenvolver suas próprias capacidades e injetar mais dinamismo nos conhecimentos dominantes. As sociologias profissional e política deveriam formalizar seus interesses no florescimento das sociologias crítica e pública. No entanto, sectário no curto prazo, o conhecimento instrumental não pode ter sucesso no longo prazo sem os desafios do conhecimento reflexivo, ou seja, o desafio da renovação e do redirecionamento dos valores que dão suporte à sua pesquisa, valores que advêm e são recarregados na sociedade como um todo.

Nós expusemos o campo de poder que compõe a relação entre as quatro sociologias de uma maneira relativamente abstrata. Suas combinações concretas variam entre departamentos ao longo do tempo, dentro de um mesmo país, entre países, e até chega a assumir mudanças na configuração global. Da mesma forma, as próximas três teses exploram a especificidade da configuração contemporânea da sociologia nos Estados Unidos, procurando fazer uma série de comparações e, dessa forma, nós iremos aprofundar nosso embate com as forças nacionais e globais que modelam nosso campo disciplinar.

## Tese VIII: História e hierarquia

*Nos Estados Unidos a dominação da sociologia profissional emergiu através de sucessivos diálogos com as sociologias pública, política e crítica. Mas mesmo aqui, a força da sociologia profissional está concentrada nos programas do topo de um sistema de educação universitária altamente estratificado, enquanto nos níveis subalternos a sociologia pública é mais importante, ainda que menos visível.*

Hoje nós aceitamos a dominação da sociologia profissional como uma característica normal da sociologia nos Estados Unidos, mas na realidade este é um fenômeno bem recente. Nós podemos narrar a história da sociologia nos Estados Unidos como um aprofundamento da sociologia profissional em três períodos sucessivos.

A sociologia profissional começou em meados do século XIX como um diálogo entre, por um lado, grupos filantrópicos e reformadores e, por outro, os primeiros sociólogos. Esses últimos freqüentemente tinham uma formação religiosa, mas transferiam seus zelos morais para a secular e recém-fundada ciência da sociologia. Depois da Guerra Civil, a exploração dos problemas sociais se desenvolveu através da coleção e análise do trabalho estatístico, e também dos *surveys* sociais sobre pobreza. A coleção de dados para demonstrar a difícil situação das classes inferiores tornou-se um movimento em si mesmo que determinou as fundações da sociologia profissional. Os sociólogos manteriam-se em estreito contato com todo tipo de grupo na sociedade civil burguesa, mesmo depois da formação da *American Sociological Society*, como ela foi então chamada, em 1905. Na sua origem, por isso, a sociologia foi inerentemente pública.

A segunda fase da sociologia assistiu a mudança do engajamento dos públicos para as fundações e governo. Começando nos anos de 1920 com o apoio da Fundação *Rockefeller* ao *Institute for Social and Religious Research* (que iria patrocinar os famosos estudos de *Middletown*) e assim seu apoio para pesquisas comunitárias na Universidade de Chicago e na Universidade da Carolina do Norte; as fundações tornaram-se crescentemente ativas na promoção da sociologia. Ao mesmo tempo, a sociologia rural conseguiu criar uma base de pesquisa no próprio Estado (Larson e Zimmerman, 2003). Como diretor do Comitê de Pesquisa do Presidente (1933), William Ogburn reuniu um massivo volume sobre *As Recentes Tendências de Pesquisa nos Estados Unidos* (*Recent Social Trends in the United States*). Durante a Segunda Guerra Mundial, a sociologia patrocinada pelo Estado continuou, sendo o mais famoso o volume múltiplo de Samuel Stouffer (1949) sobre a moral no exército dos Estados Unidos. Depois da guerra apareceu uma nova fonte de financiamento, nomeadamente o financiamento corporativo às pesquisas de *survey*, sintetizado pelo trabalho de Lazarsfeld no Bureau de Pesquisa Social Aplicada da Universidade de Colômbia.

Quanto mais a sociologia dependia dos financiamentos governamentais e privados mais se desenvolvia os métodos estatísticos rígidos para a análise dos dados empíricos, o que gerava críticas de vários setores.

A terceira fase da sociologia americana, por isso, foi marcada por uma contenda entre a sociologia crítica e a sociologia profissional. Sua inspiração foi Robert Lynd (1939) que criticou os estreitos limites da sociologia e sua reivindicação de neutralidade de valor. Talvez C Wright Mills (1959) tenha sido o mais famoso sucessor dessa crítica. Ele se referiu ao compromisso original da sociologia com os públicos como uma “prática liberal”, e ao segundo período de financiamento corporativo e estatal como uma “prática iliberal”. Ele não percebeu, entretanto, que ele estava inaugurando uma terceira fase da “sociologia crítica”, que redirecionaria as tendências teóricas e metodológicas no interior da disciplina. Alvin Gouldner (1970) produziu um marco nessa terceira fase, atacando as fundações do funcionalismo estrutural e sociologias aliadas, e abrindo espaço para novas tendências teóricas influenciadas pelo feminismo e pelo marxismo. Essa sociologia crítica forneceu a energia e a imaginação por trás da reconstrução da sociologia profissional nos anos de 1980 e 1990.

De onde virá o próximo ímpeto para a sociologia? A Tese I reivindica que o fosso entre o *ethos* sociológico e o mundo empurra a sociologia para a arena pública. Além do mais, a sociologia profissional já atingiu um nível de maturidade e autoconfiança que a permite retornar às suas raízes cívicas, e promover uma sociologia pública de sua posição de força – um nível de engajamento com as profundas e perturbadoras tendências globais de nossos tempos. Se a sociologia pública original do século XIX era inevitavelmente provinciana, foi ela que construiu a fundação para a ambiciosa sociologia profissional do século XX, que, por sua vez, criou as bases de sua própria transcendência – a sociologia pública de dimensões globais do século XXI.

Isso não é para desmerecer a importância da sociologia pública local, as conexões orgânicas entre sociólogos e suas comunidades imediatas. Longe disso. Afinal de contas o global apenas se manifesta através e é constituído pelos processos locais. Nós temos que reconhecer que muito de sociologia pública local já vem sendo feita nos nossos sistemas estaduais de educação onde os professores suportam o desconforto de enormes cargas de ensino. Se eles podem fabricar algum tempo além do ensino, eles levam sua sociologia pública para fora das salas de aula e a leva para as comunidades. Nós nada sabemos acerca dessas sociologias públicas extracurriculares porque seus praticantes raramente têm tempo para escrever sobre elas. Felizmente, Kerry Strand, Sam Marullo, Nick Cutforth, Randy Stoecker e Patrick Donohue (2003) nos revelaram este terreno ainda não explorado através da publicação de um manual sobre sociologias públicas orgânicas ou o que eles chamam de pesquisa de base comunitária. O volume expõe uma série de princípios e práticas, assim como

numerosos exemplos, muitos dos quais combinam pesquisa, ensino e serviço social.

O ponto mais importante é que o sistema de educação superior americano é uma ampla rede de instituições excessivamente hierárquico e enormemente diverso. Por isso, a configuração de nossas quatro sociologias comporta-se de forma muito diferente em diferentes níveis e diferentes posições. A concentração de pesquisa e profissionalismo no topo de nosso sistema universitário só é possível, pelo menos em parte, por causa da sobrecarga de nossas instituições de ensino, as faculdades de quatro e de dois anos. A configuração das sociologias nessas instituições é análoga àquela das regiões do mundo que contam com pouquíssimos recursos. Como a próxima tese anuncia, a diversidade nos Estados Unidos espelha a diversidade a nível global.

#### **Tese IX: Provincializando a sociologia americana**

*A sociologia dos Estados Unidos apresenta-se como universal, mas ela é particular – não apenas em seu conteúdo, mas também na sua forma, ou seja, na configuração de nossos quatro tipos de sociologia. Ao mesmo tempo, ela exerce uma enorme influência sobre as sociologias nacionais, e nem sempre para a vantagem dessas últimas. Assim, nós precisamos remodelar não apenas a divisão do trabalho sociológico nacional, mas também global.*

O termo “sociologia pública” é uma invenção americana. Se em outros países essa é a essência da sociologia, para nós ela não é mais do que uma parte de nossa disciplina, e uma pequena parte. Na verdade, para alguns sociólogos nos Estados Unidos, ela nem pertence a nossa disciplina. Quando eu viajo para a África do Sul, entretanto, para falar sobre sociologia pública – e isso seria verdade para muitos países no mundo – minhas audiências me escutam embaraçadas. O que mais poderia ser a sociologia se não um engajamento com públicos diversos sobre questões públicas? O fato de que a *American Sociological Association* iria dedicar nosso encontro anual para as sociologias públicas diz muito acerca da força da sociologia profissional nos Estados Unidos. Além do mais, num mundo em que as sociologias profissionais nacionais são freqüentemente mais fracas do que as sociologias públicas, focalizar nesta última significa um desafio à hegemonia da sociologia dos Estados Unidos, e aponta na direção da reconstrução da sociologia nacionalmente e globalmente.

A configuração de nossos quatro tipos de sociologia varia de país a país. No hemisfério sul, como eu anunciei, a sociologia tem freqüentemente uma forte presença pública. Quando visitei a África do Sul em 1990 eu fiquei surpreso em descobrir uma estreita conexão entre a sociologia e as lutas *antiapartheid*,

especialmente com o movimento trabalhista, mas também com diversas organizações civis. Enquanto nos Estados Unidos nós estávamos teorizando sobre movimentos sociais, na África do Sul os sociólogos estavam fazendo movimentos sociais! Esse projeto dirigiu sua sociologia, estimulando todo um campo novo de pesquisa – união dos movimentos sociais –, que os sociólogos dos Estados Unidos descobriram, 20 anos mais tarde, como se isso fosse uma idéia nova em folha! Mas a sociologia sul-africana não focalizou apenas a mobilização social, focalizou também os objetivos de tal mobilização. Os sociólogos analisaram o caráter e as tendências do Estado do *apartheid*, debateram as estratégias do movimento *antiapartheid*. Eles se perguntaram se deviam estar a serviço ou serem críticos do movimento. Hoje, entretanto, dez anos depois do *apartheid*, a África do Sul apresenta um contexto menos favorável à sociologia pública, já que os sociólogos estão sendo absorvidos por ONGs, corporações e aparatos estatais, já que o novo governo convoca os sociólogos para abandonar as trincheiras da sociedade civil e se concentrarem no ensino, e já que a pesquisa social é canalizada para questões políticas imediatas ou atingir os “padrões de qualidade” “internacionais”, isto é, americanos. A desmobilização da sociedade civil andou par e passo com uma mudança da sociologia reflexiva para a instrumental (Sitas, 1997; Webster, 2004).

Tendências similares podem ser encontradas em todo canto, mas cada um com sua especificidade nacional. Tome-se a União Soviética. A sociologia submergiu na era Stalin, apenas para ressurgir como uma arma crítica oficial e não-oficial sob os regimes pós-stalinistas. A pesquisa de opinião tornou-se uma forma de sociologia pública durante a distensão dos anos 1960 antes de ela ser monopolizada pelo aparato partidário. Sob a inflexível liderança de Tatyana Zaslavskaya, a Perestroika fez com que os sociólogos mostrassem sua força. A sociologia passou a ficar intimamente conectada à erupção da sociedade civil. Com o enfraquecimento da sociedade civil no período pós-soviético, entretanto, a sociologia estava verde e provou não ter vigor diante da invasão das forças de mercado. Com poucas exceções, a sociologia foi banida para as escolas de administração e para os centros de pesquisa de opinião e de mercado. Onde ela existe como um empreendimento intelectual sério, ela é freqüentemente financiada por fundações ocidentais, empregando sociólogos treinados na Inglaterra e nos Estados Unidos.

A situação é bem diferente nos países escandinavos com suas fortes tradições democráticas. Aqui a sociologia cresceu com o Estado do Bem Estar Social, que conferiu uma forte orientação política, mas um igualmente forte momento público. A sociologia norueguesa, muito influenciada pela sociologia americana, foi também, não obstante, projetada para o mundo político e aqui a influência do feminismo foi muito importante. Com uma população de menos

de 5 milhões de habitantes e menos de 200 sociólogos registrados, a comunidade profissional é pequena, de forma que os mais ambiciosos procuram um lugar na sociedade como um todo seja no governo ou como intelectuais públicos. Há colaboradores regulares com jornais, rádio e televisão. Os noruegueses têm energicamente levado suas sociologias públicas para o exterior, tornando-se uma referência internacional, com articulações não apenas nos Estados Unidos, mas na Europa e com os países do sul.

O resto da Europa é bem variável. A França tem uma das mais antigas tradições de sociologia profissional e, ao mesmo tempo, cultivou uma sociologia pública tradicional, com lideranças notórias como Raymond Aron, Pierre Bourdieu e Alain Touraine. Na Inglaterra a sociologia profissional é de uma safra mais recente, pós-Segunda Guerra Mundial. Facilmente vulnerável ao regime de Thatcher procurou coibir iniciativas públicas e políticas, fomentando uma profissão mais defensiva e voltada para si. O retorno do governo trabalhista deu à sociologia um novo suspiro de vida, expandindo a esfera da pesquisa política e levando seu mais ilustre e prolífico sociólogo público, Anthony Guiddens, à Casa dos Lordes.

Ao se mapearem os campos das sociologias nacionais se constata o quanto particular é a sociologia nos Estados Unidos, mas também o quanto poderosa e influente ela é. Produzindo 600 doutores por ano, ela marcha a passos largos sobre o mundo da sociologia. Muito dos principais sociólogos, ensinando em outras partes do mundo, foram treinados nos Estados Unidos. A American Sociological Association tem mais de 14.000 com 14 membros com dedicação exclusiva. Mas não se trata apenas de uma dominação numérica e de recursos, mas, crescentemente, governantes em todo o mundo empregam seus acadêmicos, sociólogos inclusive, de acordo com padrões “internacionais”, o que significa se publicar em jornais “ocidentais”, e em particular jornais americanos. Isto está acontecendo na África do Sul e em Taiwan, mas também em países com recursos consideráveis, tais como a Noruega. Forçadas pelas conexões com o ocidente e pelas publicações em inglês, as sociologias nacionais perdem sua ligação com os problemas nacionais e as questões locais. Em cada país, os estados alimentam as pressões locais, o que fratura a divisão nacional do trabalho sociológico, causando ressentimentos entre as quatro sociologias.

Sem conspiração ou deliberação por parte de seus praticantes, a sociologia dos Estados Unidos tornou-se hegemônica no mundo. Nós, conseqüentemente, temos uma obrigação especial de provincializar nossa própria sociologia, fazê-la descer do pedestal da universalidade e reconhecer seu caráter particular e seu poder nacional. Nós temos que desenvolver um diálogo, uma vez mais, com outras sociologias nacionais, reconhecer suas tradições locais ou suas aspirações a indianizar a sociologia. Nós temos que pensar em termos globais para reconhecer a emergente divisão global do trabalho sociológico. Se os Estados

Unidos governam o terreno com sua sociologia profissional, então nós temos que fomentar as sociologias públicas do hemisfério sul e as sociologias políticas da Europa. Nós temos que encorajar as redes de sociologias críticas que transcendem não apenas as disciplinas, mas também as fronteiras nacionais. Nós devemos aplicar nossa sociologia a nós próprios, tornarmo-nos mais conscientes das forças globais que estão direcionando nossa disciplina, para que nós possamos guiá-las e não ser guiados por elas.

### **Tese X: Guiando as disciplinas**

*As ciências sociais se distinguem das humanidades e das ciências naturais por combinar os conhecimentos instrumental e reflexivo – uma combinação que é em si variável, e por isso prover diferentes oportunidades de intervenção pública e política. O conhecimento interdisciplinar assume diferentes formas em cada quadrante do conhecimento sociológico.*

Diz-se que a divisão das disciplinas é um produto arbitrário da história europeia do século XIX, que a presente especialização disciplinar é anacrônica, e que nós deveríamos nos mover em direção a uma ciência social unificada. Essa fantasia positivista foi recentemente ressuscitada por Immanuel Wallerstein et al. (1996) no Relatório da Comissão Gulbenkian sobre a Reestruturação das Ciências Sociais. O projeto aparenta bastante inofensivo, mas ao falhar em colocar as questões – conhecimento para quem? E conhecimento para que? – a nova ciência social unificada dissolve a reflexividade, ou seja, os momentos público e crítico da ciência social. Em um mundo de dominação, a unificação muito facilmente torna-se a unidade dos poderosos. Ao declarar a divisão das disciplinas como arbitrária, só porque elas foram criadas em um momento particular da história, é não perceber o seu significado continuamente transitório e os interesses que elas representam. É cometer a falácia genética. Com o intuito de demarcar o terreno para a divisão das disciplinas, e para ser breve, eu recorro a representações esquemáticas do campo acadêmico, inevitavelmente sacrificando uma maior atenção à diferenciação interna e a variação ao longo do tempo.

As ciências naturais são amplamente baseadas no conhecimento instrumental, enraizadas em programas de pesquisa cujo desenvolvimento é governado pelas comunidades científicas. A audiência extra-acadêmica vem do mundo político – da indústria e do governo – prontos para explorar descobertas científicas. Frequentemente, essa audiência extra-acadêmica entra na academia para dirigir e supervisionar sua pesquisa, opondo-se prontamente a relações que firam os interesses de seus países, sejam eles na área da pesquisa médica, física nuclear ou bioengenharia (Episteing, 1996; Moore, 1996; Schurman e Munro, 2004). Tal reflexividade crítica, que frequentemente se estende ao debate público,

não é a essência da ciência natural como o é das humanidades. Assim, peças de arte ou literatura são validadas em última instância na base do diálogo entre grupos mais restritos de especialistas ou entre públicos mais amplos. Sua verdade é estabelecida através de seus valores estéticos baseados em sua avaliação discursiva, ou seja, como conhecimentos crítico e público, embora, obviamente, eles podem ser elaborados em escolas de conhecimento instrumental ou mesmo entrar no mundo político.

As ciências sociais estão na interseção entre as humanidades e as ciências naturais desde que, por definição, participam do conhecimento instrumental e do reflexivo. O balanço entre esses dois tipos de conhecimento, contudo, varia entre as ciências sociais. A economia, por exemplo, aproxima as ciências sociais do que podemos chamar de ciência paradigmática, dominada por um único programa de pesquisa (economia neoclássica). A organização da disciplina reflete isso com sua escassez de prêmios (Clark Medal e Prêmio Nobel); controle de elite dos principais jornais; hierarquia evidente, não só dos departamentos, mas também individualmente entre economistas; e a ausência de sub-campos organizados autonomamente. Economistas dissidentes apenas sobrevivem caso consigam se estabelecer em termos profissionais. Na realidade, pode-se ligar a economia profissional à disciplina do Partido Comunista imposta aos seus dissidentes e sua doutrina coerente que ele procura difundir pelo mundo em nome da liberdade<sup>12</sup>. A coerência interna da economia lhe confere um maior prestígio no mundo acadêmico e uma maior eficácia no mundo político.

Se a economia é como o Partido Comunista, a Sociologia Americana assemelha-se ao anarco-sindicalismo, uma democracia participativa descentralizada. Ela se baseia em tradições múltiplas e sobrepostas, que se refletem nas atuantes 43 seções e nos seus prêmios em expansão (Ennis 1992), e nos seus mais de 200 jornais de sociologia (Turner e Turner 1990: 159). Nosso modo de operação institucional reflete nossas múltiplas perspectivas – embora nem sempre de forma adequada. Embora a disciplina seja um sistema de casta hierárquico e elitista (Burris, 2004), ela é mais aberta do que a economia como se pode aferir pela mobilidade dos professores entre departamentos e pelo modelo de recrutamento de estudantes graduados (Hans, 2003). A disciplina é mais democrática na eleição de seus administradores. As resoluções de seus membros não se restringem a preocupações profissionais, e é exigido apenas 3% dos membros para se propor um ponto na pauta de votação. Assim, se a economia é mais eficaz no mundo político, a estrutura da sociologia é organizada para que

---

<sup>12</sup> Marion Fourcade-Gourinchas (2004) documenta a enorme influência internacional da economia americana. Baseando-se nas idéias de Amartya Sen (1999), Peter Evans (2004) tem se dedicado bravamente a levar a economia a um engajamento público orgânico; uma economia que seja sensível às questões locais e à democracia deliberativa.

se possa dar respostas aos diversos públicos. À medida que a nossa vantagem comparativa está na esfera pública, nós temos mais chance de influenciar a política indiretamente através de nossos engajamentos públicos.

Olhando para as outras ciências sociais, a ciência política é um campo fragmentado, mas um campo mais inclinado à política do que aos públicos, no sentido do conhecimento instrumental e não do reflexivo. As tendências atuais em direção ao modelo da escolha racional têm levado a uma reação numa direção reflexiva. O Movimento da Perestroika nas ciências sociais apóia uma abordagem mais institucional em relação à política, e defende uma teoria política como teoria crítica. A antropologia e a geografia são divididas em termos de conhecimento instrumental e reflexivo, de forma que a antropologia cultural e a geografia humana freqüentemente reagem contra o modelo científico de seus colegas, enquanto servem de ponte para as humanidades. A filosofia, uma outra encruzilhada entre as ciências sociais e as humanidades, identifica seu nicho particular no conhecimento crítico.

As divisões disciplinares são muito mais fortes nos Estados Unidos do que em qualquer outro lugar, então o conhecimento “interdisciplinar” leva a uma existência precária nas fronteiras de nossa disciplina. Cada um de nossos quatro tipos de sociologia desenvolve intercâmbios e colaborações particulares com as disciplinas vizinhas. Na interface do conhecimento profissional há um *cruzamento de empréstimos disciplinares*. Quando a sociologia econômica e a sociologia política recorrem às disciplinas vizinhas, o resultado é parte distintiva da sociologia – as bases sociais dos mercados e da política. Na interface do conhecimento crítico, há uma *infusão transdisciplinar*. Feminismo, pós-estruturalismo e teoria crítica da raça têm todos deixado sua marca no engajamento da sociologia crítica com a sociologia profissional. Mas essa infusão tem sido sempre limitada. O desenvolvimento do conhecimento público sempre acontece através de colaboração multidisciplinar como, por exemplo, na “pesquisa de ação participativa”, que une comunidades e acadêmicos a partir de disciplinas complementares. A comunidade define uma questão – habitação popular, poluição ambiental, doenças, renda mínima, educação, etc – e então trabalha em conjunto como um grupo multidisciplinar para formular e moldar métodos. Finalmente, no mundo político existe uma *junta de coordenação* disciplinar que freqüentemente reflete a hierarquia das disciplinas. Assim, áreas de estudo financiadas pelo Estado normalmente trabalham com objetivos políticos bem definidos que dão preferência à ciência política e à economia.

Tendo reconhecido o poder da divisão disciplinar, havendo percebido a variação de combinações do conhecimento instrumental e reflexivo, nós temos agora que nos perguntar o que esta variação significa. Especialmente, há algo de particular no conhecimento sociológico e nos interesses que ele representa? Há boas razões para alguém ser economista ou cientista político e por uma bênção

terminar como sociólogo – uma questão de pouca consequência, um acidente bibliográfico? Nós temos nossa própria identidade entre outras ciências sociais? Estas questões me conduzem a minha tese final.

### **Tese XI: Sociólogos como militantes<sup>13</sup>**

*Se o ponto de vista da economia é o mercado e sua expansão, e o ponto de vista da ciência política é o Estado e a garantia da estabilidade política, então o ponto de vista da sociologia é a sociedade civil e a defesa do social. Em tempos de tirania do mercado e despotismo estatal, a sociologia – em particular sua face pública – defende os interesses da humanidade.*

As ciências sociais não são um caldeirão de disciplinas porque as disciplinas representam interesses diferentes e opostos – principalmente interesses de preservação dos terrenos nos quais se assentam seus conhecimentos. A economia, como nós sabemos hoje, depende da existência de mercados e tem interesse em sua expansão; a ciência política depende do Estado e tem interesse na sua estabilidade política; enquanto a sociologia depende da sociedade civil e tem interesse na expansão do social.

Mas o que é sociedade civil? Para os propósitos do meu argumento aqui nós podemos defini-la como um produto do capitalismo ocidental de fins do século XIX que produziu associações, movimentos e públicos que eram externos tanto ao Estado como à economia – partidos políticos, sindicatos, educação escolar, comunidades de fé, mídia impressa e uma variedade de organizações voluntárias. Esse conglomerado de vida associativa é o único ponto de vista da sociologia, de forma que quando ele desaparece – União Soviética de Stalin, Alemanha de Hitler, Chile de Pinochet – a sociologia desaparece também. Quando a sociedade civil floresce – Perestroika ou fins do Apartheid na África do Sul – o mesmo acontece à sociologia.

A sociologia pode estar conectada à sociedade por um cordão umbilical, mas, obviamente, isso não significa que a sociologia estuda apenas a sociedade civil. Longe disso. Ela estuda o Estado ou a economia sobre o ponto de vista da sociedade civil. A sociologia política, por exemplo, não é o mesmo que ciência política. Ela examina as precondições sociais da política e a politização do social,

---

<sup>13</sup> Retirado do ensaio de Alvin Gouldner (1968) de mesmo título. Igualmente pertinentes à Tese XI são as palavras desafiantes de Pierre Bourdieu: “O etnossociólogo é uma espécie de intelectual orgânico da humanidade que, como um agente coletivo, pode contribuir para desnaturalizar ou desfatalizar a existência, colocando sua competência à serviço do universalismo enraizado no entendimento dos particularismos”. Citado em Wacquant (2004).

da mesma forma que a sociologia econômica é muito diferente da economia, na verdade ela foca exatamente no que a economia passa por cima, as fundações sociais do mercado.

Essa divisão tripartite das ciências sociais – eu não tenho espaço aqui para incluir vizinhos como a geografia, a história e a antropologia – era verdade quando do seu nascimento no século XIX, mas as fronteiras se apagaram no século XX (com a fusão e sobreposição das fronteiras do Estado, economia e sociedade). Nos últimos trinta anos, entretanto, esta separação tripla tem experimentado um renascimento encabeçado pelo unilateralismo do Estado, por um lado, e pelo fundamentalismo de mercado por outro. Nesse período, a sociedade civil tem sido colonizada e cooptada pelos mercados e pelos Estados. E mais, a oposição a essas forças gêmeas vem, se realmente vem, da sociedade civil, entendida em sua expressão local, nacional e transnacional. Nesse sentido, a afiliação da sociologia à sociedade civil, ou seja, à sociologia pública, representa os interesses da humanidade – interesses em manter acuados tanto o despotismo estatal como a tirania do mercado.

Deixe-me imediatamente esclarecer o que disse. Primeiro, eu realmente acredito que a economia e a ciência política, entre elas, têm fabricado bombas-relógio ideológicas que têm justificado os excessos dos mercados e dos Estados, excessos que estão destruindo as fundações da universidade pública, ou seja, as suas próprias condições acadêmicas de existência, assim como tudo mais. Ainda, mesmo reconhecendo isso, não pretendo menosprezar a importância dos cientistas políticos e dos economistas. As disciplinas, no final das contas, são campos de poder, cada um com suas forças dominantes e opositoras. Pense no movimento da Perestroika na ciência política ou na rede da *Economia Pós-Autista* – uma economia que reconhece os indivíduos como seres humanos maduros e multifacetados. Como sociólogos nós podemos achar, e na verdade temos achado, aliados e colaboradores nessas forças de oposição.

O campo da sociologia também é dividido. A sociedade civil, afinal de contas, não é nenhum comunitarismo harmonioso, mas é cindida por segregações, dominações e explorações<sup>14</sup>. Historicamente, a sociedade civil tem sido branca e masculina. Quando foi se tornando mais inclusiva, ela foi invadida pelo Estado e pelo mercado, o que se refletiu na sociologia pelo uso acrítico de conceitos tais como capital social. A sociedade civil tem muito de um terreno de contestação, mas mesmo assim, eu argumentaria que, na presente conjuntura, é o melhor terreno para a defesa da humanidade – uma defesa que seria auxiliada pelo estímulo de uma sociologia pública de matriz crítica.

---

<sup>14</sup> É aqui que eu me diferencio da perspectiva durkheimiana dos comunitaristas, tais como Amitai Etzioni (1993) e Philip Selznick (2002), que focam a relação moral do indivíduo com a sociedade e que consideram as hierarquias, dominações, exclusões, etc, como interferências inoportunas. Da mesma forma que eles não centralizam as divisões da sociedade, eles também evitam divisões na sociologia e na academia como um todo.

Como nós podemos atingir esse objetivo? Como eu já sugeri na Tese VII a divisão institucional do trabalho sociológico e do campo de poder correspondente tem até aqui restringido a expansão das sociologias públicas. Nós não teríamos que defender a sociologia pública caso não houvesse obstáculos à sua realização. Superá-los requer compromisso e sacrifício que muitos já têm feito e continuam a fazer. Esta é a razão pela qual se tornaram sociólogos – não para fazer dinheiro, mas para construir um mundo melhor. Então, já existe um bom número de sociologias públicas. Mas também há novos desenvolvimentos. Assim, a revista Contexts tem dado um importante passo em direção à sociologia pública. O escritório central da ASA tem impetrado esforços vigorosos de expansão e de lobby, com suas resoluções congressuais e suas publicações impressas regulares, mas também com suas colunas no nosso jornal Footnotes. Este ano a ASA introduziu um novo prêmio que irá reconhecer excelência em relatos de sociologia na mídia. Nós temos que cultivar uma relação de colaboração entre sociologia e jornalismo, pois os jornalistas constituem-se por si próprios em um público, além de posicionarem-se entre nós e uma *série de outros públicos*.

A ASA também estabeleceu uma força tarefa para a institucionalização das sociologias públicas, que irá considerar três questões centrais. Primeiro, ela irá considerar como reconhecer e validar a sociologia pública já existente, fazendo visível o que é invisível, fazendo com que o privado torne-se público. Segundo, a força tarefa irá considerar como introduzir incentivos para a sociologia pública, para premiar a busca pela sociologia pública, geralmente fraca em méritos e promoções. Os departamentos já têm criado prêmios e blogs, e têm desenvolvido grades curriculares para a sociologia pública. Terceiro, se nós vamos reconhecer e premiar a sociologia pública então nós temos que desenvolver critérios que distingam a sociologia pública boa da má. E nós devemos nos perguntar quem deveria avaliar a sociologia pública. Nós devemos estimular o que há de melhor na sociologia pública, não importa o que isto venha a significar. A sociologia pública não pode ser uma sociologia de segunda grandeza.

Independentemente da importância que essas mudanças institucionais venham a ter, o sucesso da sociologia pública não virá de cima, mas de baixo. O sucesso virá quando a sociologia pública atrair a imaginação dos sociólogos, quando os sociólogos reconhecerem a importância e os méritos próprios da sociologia pública, e quando os sociólogos a praticarem como um movimento social para além da academia. Eu antevio milhares de nódulos, cada um forjando colaborações dos sociólogos com seus públicos, fluindo em conjunto numa mesma corrente. Eles irão recorrer a um século de pesquisa extensiva, elaborar teorias, praticar intervenções e pensamento crítico, alcançando entendimentos comuns através de múltiplas fronteiras, especialmente, mas não apenas, entre as fronteiras nacionais, e, em assim o fazendo, livram-se do que é velho. Nosso anjo da história irá então estender suas asas e planar acima da tempestade.

**Referencias**

- ABBOTT, Andrew. (2001). *Chaos of Disciplines*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- American Sociological Association. 2004 *An Invitation to Public Sociology*. Washington, DC: American Sociological Association.
- ARENDT, Hannah. (1958). *The Human Condition*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- BELLAH, Robert, Richard Madsen, William M. Sullivan, Ann Swidler and Steven Tipton. (1985). *Habits of the Heart: Individualism and Commitment in American Life*. Berkeley, CA: University of California Press.
- BENJAMIN, Walter. (1968). *Illuminations*. Edited and with an introduction by Hannah Arendt. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- BERGER, Peter. (2002). 'Whatever Happened to Sociology?' *First Things* 126: 27–29.
- BIELBY, William. (2003). *Betty Dukes, et al. v. Wal-Mart Stores, Inc.*
- BLAU, Peter and Otis Dudley Duncan. (1967). *The American Occupational Structure*. New York: John Wiley.
- BOK, Derek. (2003). *Universities in the Marketplace*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- BOURDIEU, Pierre. (1986). [1979] *Distinction: A Social Critique of the Judgment of Taste*. New York: Routledge and Kegan Paul.
- BOURDIEU, Pierre. (1988). [1984] *Homo Academicus*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- BROWN, Phil, Stephen Zavestoski, Sabrina McCormick, Brian Mayer, Rachel Morello-Frosch and Rebecca Gasio Altman. (2004). *Sociology of Health and Illness* 26:50–80.
- BURRIS, Val. (2004). 'The Academic Caste System: Prestige Hierarchies in PhD Exchange Networks.' *American Sociological Review* 69: 239–264.
- COLE, Stephen (ed). (2001). *What's Wrong with Sociology?* New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.
- COLEMAN, James. (1966). *Equality of Educational Opportunity*. Washington, DC: United States Department of Health, Education and Welfare.
- COLEMAN, James. (1975). *Trends in School Segregation, 1968–1973*. Washington, DC: Urban Institute.
- COLEMAN, James. (1991). 'A Quiet Threat to Academic Freedom.' *National Review* 43: 28–34.
- COLEMAN, James. (1992). 'The Power of Social Norms.' *Duke Dialogue* 3.
- COLLINS, Patricia Hill. (1991). *Black Feminist Thought*. New York: Routledge. Columbia Accident Investigation Board. 2003 *Report*. Vol. I. Washington, DC: Government Printing Office.
- DEWEY, John. (1927). *The Public and Its Problems*. New York: Henry Holt.
- DU BOIS, W.E.B. (1903). *The Souls of Black Folk*. New York: A.C. McClurg.
- EHRENREICH, Barbara. (2002). *Nickel and Dimed*. New York: Henry Holt.
- ENNIS, James. (1992). 'The Social Organization of Sociological Knowledge: Modeling the Intersection of Specialties.' *American Sociological Review* 57: 259–65.
- EPSTEIN, Steven. (1996). *Impure Science*. Berkeley, CA: University of California Press.
- ETZIONI, Amitai. (1993). *The Spirit of Community*. New York: Simon and Schuster.
- EVANS, Peter. 2004 'Development as Institutional Change: The Pitfalls of Monocropping

- and the Potentials of Deliberation.' *Studies in Comparative International Development* 38: 30–53.
- FOURCADE-GOURINCHAS, Marion. (2004). 'The Construction of a Global Profession: The Case of Economics,' Department of Sociology, University of California, Berkeley, CA. Unpublished manuscript.
- FRASER, Nancy. (1997). *Justice Interruptus*. New York: Routledge.
- GAMSON, William. (2004). 'Life on the Interface.' *Social Problems* 51: 106–10.
- GANS, Herbert. (2002). 'More of Us Should Become Public Sociologists.' *Footnotes* (July/August) 30: 10.
- GOODWIN, Jeff and Jim Jasper, eds. (2004). *Rethinking Social Movements*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield.
- GOULDNER, Alvin. (1968). 'The Sociologist as Partisan: Sociology and the Welfare State.' *American Sociologist* 3: 103–16.
- GOULDNER, Alvin. (1970). *The Coming Crisis of Western Sociology*. New York: Basic Books.
- HABERMAS, Jürgen. (1984). *The Theory of Communicative Action*. (Two Volumes). Boston, MA: Beacon.
- HABERMAS, Jürgen. (1991). [1962] *The Structural Transformation of the Public Sphere*. Cambridge, MA: MIT Press.
- HAN, Shin-Kap. (2003). 'Tribal Regimes in Academia: A Comparative Analysis of Market Structure Across Disciplines.' *Social Networks* 25: 251–80.
- HORKHEIMER, Max. (1974). [1947] *Eclipse of Reason*. New York: Seabury Press.
- HORKHEIMER, Max and Theodor Adorno. (1969). [1944] *Dialectic of Enlightenment*. New York: Seabury Press.
- HOROWITZ, Irving Louis. (1993). *The Decomposition of Sociology*. New York: Oxford University Press.
- JACOBY, Russell. (1987). *The Last Intellectuals: American Culture in the Age of Academe*. New York: Noonday Press.
- KANG, Kelly. (2003). *Characteristics of Doctoral Scientists and Engineers in the United States: 2001*. Arlington, VA: National Science Foundation. Division of Science Resources Statistics.
- KIRP, David. (2003). *Shakespeare, Einstein, and the Bottom Line*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- LAKATOS, Imre. (1978). *The Methodology of Scientific Research Programmes*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- LARSON, Olaf and Julie Zimmerman. (2003). *Sociology in Government: The Galpin-Taylor Years in the U.S. Department of Agriculture 1919–1953*. University Park, PA: University of Pennsylvania Press.
- LEE, Alfred McClung. (1976). 'Sociology for Whom?' *American Sociological Review* 41:925–936.
- LIPPMANN, Walter. (1922). *Public Opinion*. New York: Harcourt, Brace and Company.
- LIPSET, Seymour Martin and Neil J. Smelser. (1961) *Sociology: The Progress of a Decade*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- LYMAN, Stanford. (1992). *Militarism, Imperialism, and Racial Accommodation: An Analysis and Interpretation of the Early Writings of Robert E. Park*. Fayetteville, AK: University of Arkansas Press.

- LYND, Robert. (1939). *Knowledge for What? The Place of Social Sciences in American Culture*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- MARULLO, Sam and Bob Edwards (eds.). (2000). 'Service-Learning Pedagogy as Universities' Response to Troubled Times.' Special issue of *American Behavioral Scientist* 43: 741–912.
- McCORMICK, Sabrina, Julia Brody, Phil Brown and Ruth Polk. (2004) 'Public Involvement in Breast Cancer Research: An Analysis and Model for Future Research.' *International Journal of Health Services*. Vol. 34, N. 4.
- MERTON, Robert. (1949). *Social Theory and Social Structure*. Glencoe, IL: Free Press.
- MILLS, C. Wright. (1959). *The Sociological Imagination*. New York: Oxford University Press.
- MOORE, Kelly. (1996). 'Organizing Integrity: American Science and the Creation of Public Interest Organizations, 1955–1975.' *American Journal of Sociology* 101:1592–1627.
- MUELLER, John. (1973). *War, Presidents and Public Opinion*. New York: John Wiley.
- MYRDAL, Gunnar. (1944). *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*. New York: Harper and Row.
- OSTROW, James, Garry Hesser and Sandra Enos (eds.). (1999). *Cultivating the Sociological Imagination: Concepts and Models for Service-Learning in Sociology*. Washington, DC: American Association for Higher Education.
- PAGER, Devah. (2002). *The Mark of a Criminal Record*. Ph.D. dissertation, Department of Sociology, University of Wisconsin, Madison, WI.
- PARK, Robert. (1972). [1904] *The Crowd and the Public*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- PARSONS, Talcott. (1937). *The Structure of Social Action*. New York: McGraw Hill.
- PARSONS, Talcott. (1951). *The Social System*. New York: Free Press.
- PARSONS, Talcott. (1961). 'An Outline of the Social System.' Pp. 30–79 in *Theories of Society* edited by Talcott Parsons, Edward Shils, Kaspar Naegle, and Jesse Pitts. New York: Free Press.
- PATTERSON, Orlando. (2002). 'The Last Sociologist.' *The New York Times*, May 19th. President's Research Committee on Social Trends. 1933 *Recent Social Trends in the United States*. New York: McGraw-Hill.
- PURSER, Gretchen, Any Schalet and Ofer Sharone. (2004). *Berkeley's Betrayal: Wages and Working Conditions at Cal*. Presented at the annual meeting of the American Sociological Association, August 16, San Francisco, CA.
- PUTNAM, Robert. (2001). *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*. New York: Simon and Schuster.
- RHOADES, Lawrence. (1981). *A History of the American Sociological Association, 1905–1980*. Washington, DC: American Sociological Association.
- RIESMAN, David. (1950). *The Lonely Crowd: A Study of the Changing American Character*. New Haven, CT: Yale University Press.
- RYAN, Charlotte. (2004). 'Can We Be Compañeros?' *Social Problems* 51: 110–13.
- SCHURMAN, Rachel and William Munro. (2004). 'Intellectuals, Ideology, and Social Networks: The Process of Grievance Construction in the Anti-Genetic Engineering Movement.' Department of Sociology, University of Illinois, Urbana-Champaign, IL. Unpublished manuscript.

- SELZNICK, Philip. (2002). *The Communitarian Persuasion*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- SEN, Amartya. (1999). *Development as Freedom*. New York: Random House.
- SENNETT, Richard. (1977). *The Fall of Public Man*. New York: W.W. Norton.
- SITAS, Ari. (1997). 'The Waning of Sociology in South Africa.' *Society in Transition* 28:12-9.
- SKOCPOL, Theda. (2003). *Diminished Democracy: From Membership to Management in American Civic Life*. Norman, OK: University of Oklahoma Press.
- SMITH, Dorothy. (1987). *The Everyday World As Problematic*. Boston, MA: Northeastern University Press.
- SPALTER-ROTH, Roberta and William Erskine. (2004). *Academic Relations: The Use of Supplementary Faculty*. Washington, DC: American Sociological Association.
- STACEY, Judith. (2004). 'Marital Suitors Court Social Science Spin-Sters: The Unwittingly Conservative Effects of Public Sociology.' *Social Problems* 51: 131-45.
- STACEY, Judith and Timothy Biblarz. (2001). '(How) Does the Sexual Orientation of Parents Matter?' *American Sociological Review* 66: 159-83.
- STOUFFER, Samuel et al. (1949). *The American Soldier*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- STRAND, Kerry, Sam Marullo, Nick Cutforth, Randy Stoecker and Patrick Donohue. (2003). *Community-Based Research and Higher Education*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- TURNER, Stephen and Jonathan Turner. (1990). *The Impossible Science: An Institutional Analysis of American Sociology*. London and Newbury Park, CA: Sage Publications.
- UGGEN, Christopher and Jeffrey Manza. (2002). 'Democratic Contraction? Political Consequences of Felon Disenfranchisement in the United States.' *American Sociological Review* 67: 777-803.
- VAUGHAN, Diane. (2004). 'Public Sociologist by Accident.' *Social Problems* 51: 115-18.
- WAITE, Linda and Maggie Gallagher. (2000). *The Case for Marriage*. New York: Doubleday.
- WALLERSTEIN, Immanuel, Calestous Juma, Evelyn Fox Keller, Jürgen Kocka, Dominique Lecourt, V.Y. Mudimbe, Kinhide Miushakoji, Ilya Prigogine, Peter J. Taylor and Michel-Rolph Trouillot. (1996). *Open the Social Sciences: Report of the Gulbenkian Commission on the Restructuring of the Social Sciences*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- WACQUANT, Loïc. (2004). 'Following Bourdieu into the Field.' *Ethnography* 5(4).
- WARNER, Michael. (2002). *Publics and Counterpublics*. New York: Zone Books.
- WEBSTER, Edward. (2004). 'Sociology in South Africa: Its Past, Present and Future.' *Society in Transition* 35: 27-41.
- WILSON, William Julius. (1996). *When Work Disappears*. New York: Knopf.
- WOLFE, Alan. (1989). *Whose Keeper?* Berkeley, CA: University of California Press.

**RESUMO***Por uma Sociologia Pública*

Em resposta à crescente distância entre o *ethos* sociológico e o mundo que nós estudamos, o objetivo da sociologia pública é engajar múltiplos públicos de várias formas. Essas sociologias públicas não deveriam ser deixadas ao relento, mas trazidas para as instituições de nossa disciplina. Dessa forma nós tornamos a sociologia pública uma iniciativa visível e legítima, e, assim, revigoramos a sociologia como um todo. Igualmente, se mapearmos a divisão do trabalho sociológico, nós descobriremos interdependências antagonísticas entre quatro tipos de conhecimento: profissional, crítico, político e público. Numa situação ideal, o florescimento de cada tipo de sociologia é a condição para o florescimento de todas, mas elas podem facilmente assumir formas patológicas ou tornarem-se vítimas de exclusão e subordinação. Este campo de poder nos convida a explorar as relações entre os quatro tipos de sociologia à medida que eles variam historicamente e nacionalmente, e fornecem modelos para carreiras individuais divergentes. Finalmente, comparar disciplinas aponta para a ligação umbilical que conecta a sociologia ao mundo dos públicos, ressaltando o investimento particular da sociologia na defesa da sociedade civil, ela mesma oprimida pela dominação dos mercados e dos Estados.

**Palavras-chave:** sociologia pública; sociologia profissional; sociologia crítica; conhecimento instrumental; conhecimento reflexivo

**ABSTRACT***For Public Sociology*

Responding to the growing gap between the sociological ethos and the world we study, the challenge of public sociology is to engage multiple publics in multiple ways. These public sociologies should not be left out in the cold, but brought into the framework of our discipline. In this way we make public sociology a visible and legitimate enterprise, and, thereby, invigorate the discipline as a whole. Accordingly, if we map out the division of sociological labor, we discover antagonistic interdependence among four types of knowledge: professional, critical, policy, and public. In the best of all worlds the flourishing of each type of sociology is a condition for the flourishing of all, but they can just as easily assume pathological forms or become victims of exclusion and subordination. This field of power beckons us to explore the relations among the four types of sociology as they vary historically and nationally, and as they provide the template for divergent individual careers. Finally, comparing disciplines points to the umbilical chord that connects sociology to the world of publics, underlining sociology's particular investment in the defense of civil society, itself beleaguered by the encroachment of markets and states.

**Keywords:** Public sociology, professional sociology, critical sociology, instrumental knowledge, reflexive knowledge